

ANO 6 - NÚMERO 70 - AGOSTO 2020

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$15



RACISMO: INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO DAS ELITES

p. 08

SOLIDARIEDADE

Betinho virou semente

p. 22

CULTURA

Os mensageiros
de Jurupari

p. 28

PLANALTO CENTRAL

Do genocídio dos
valentes Goyá

p. 33

CARTA ABERTA À POPULAÇÃO

O EMPREGADO da Caixa é essencial para o Brasil seguir em frente

Esses últimos meses ficarão marcados na história pela pandemia do novo coronavírus e pela fragilidade de ações do governo federal tanto no combate à doença quanto no enfrentamento da crise econômica. As poucas ações voltadas para a população focam nos cidadãos chamados de “invisíveis” pelo próprio governo federal que os desconhecia até então: são os brasileiros sem recursos, sem conta bancária, sem cadastros, que se encontram à margem de direitos que deveriam ser garantidos pelo Estado.

Até agora, mais de 120 milhões de brasileiros já recorreram à Caixa - principal banco público do País - em busca do auxílio emergencial, seguro desemprego e para saques do FGTS. A fim de atender mais da metade da população do Brasil, o banco posicionou o seu grande trunfo na linha de frente: os empregados da Caixa. Para eles, essa população nunca foi invisível porque é parte integrante de sua função social desde a sua fundação.

São 159 anos de conhecimento acumulado, experiência e trabalho. O que seria do País, nessa calamidade, se a Caixa não tivesse se mantido pública ao longo de tantos anos? Se seus empregados, de ontem e de hoje, ao lado das entidades que os representam, não lutassem para impedir a venda e privatização da instituição? Quem, neste momento, estaria efetuando tão árdua tarefa?

É neste contexto que os empregados da Caixa estão expostos à pandemia de forma exponencial por conta das aglomerações, apesar da adoção de medidas protetivas negociadas com os movimentos de representação. Eles se desdobram a cada dia, inclusive nos finais de semana, enfrentando riscos diários de sua contaminação, e de seus familiares, para garantir que nossa população tenha condições de sobrevivência durante o período de pandemia.

Apesar disso, os empregados da Caixa são alvo de agressões, críticas e ofensas indevidas que decorrem, sobretudo, de falhas no sistema de pagamento. As agressões sofridas na ponta pelo bancário da Caixa refletem a falta de respeito da direção do banco que submete seus empregados a jornadas estafantes de atendimento, pressão, cobrança por metas absurdas e utilização de um sistema que tem aumentado o tempo de atendimento, causando transtorno à população que já não pode mais esperar.

Ainda assim, os empregados da Caixa já atenderam mais da metade da população brasileira, demonstrando ser imprescindível como banco público e primordial em sua ação social. Defender a Caixa, como banco público, passa também pelo reconhecimento de seus empregados e pela defesa de melhores condições de trabalho. Os empregados da Caixa necessitam de condições dignas para trabalhar.

Enquanto você lê esta carta, milhões de brasileiros estão sendo atendidos por empregados da Caixa. São eles que, desde o início da pandemia, mostram a força desse banco público. São eles que hoje formam a maior e mais efetiva frente de auxílio à população. Eles merecem respeito, reconhecimento e valorização. O empregado da Caixa é essencial para o Brasil seguir em frente. Nós reivindicamos condições dignas de trabalho e respeito aos empregados e prestadores de serviço. Defendemos atendimento digno à população. E lutaremos de forma intransigente por uma Caixa cada vez mais pública e social.

“**Queimamos a maior floresta tropical do mundo sem pestanejar. Celebramos um teto de gastos que sabota saúde&ciência. Assistimos à morte de mais de 100 mil compatriotas em 5 meses... E agora cogitamos mandar crianças e professores de volta pra escola numa pandemia descontrolada. Que diabos viramos? Que BR é esse?**”

Miguel Nicolelis

COLABORADORES/AS - AGOSTO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Carlos Durigan – Geólogo. Eduardo Pereira – Sociólogo. Emir Bocchino – Designer Gráfico. Emir Sader – Sociólogo. Francisco F. Xavier Filho – Biólogo. Iêda Leal – Professora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. José Ribamar Bessa Freire – Escritor. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lúcia Resende – Professora. Manoel de Barros – (in memoriam) Escritor. Reinaldo Filho Vilas Bôas Bueno – Escritor. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista. Agamenon Torres Viana – Sindicalista. Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Paula Sabino – Jornalista. Andrea Matos – Sindicalista. Ângela Mendes – Ambientalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Cleiton Silva – Sindicalista. Elson Martins – Jornalista. Emir Sader – Sociólogo. Fernando Neto – Advogado. Gomercindo Rodrigues – Advogado. Graça Fleury – Socióloga. Jacy Afonso – Sindicalista. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista. Júlia Feitoza Dias – Historiadora. Kleiton Moraes – Sindicalista. . Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Lucélia Santos – Atriz. Rosilene Corrêa Lima – Jornalista. Trajano Jardim – Jornalista.



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

A ampla diversidade étnica da sociedade brasileira, com frequência, leva pessoas a defenderem a tese de que no Brasil não existe racismo. Todavia, essa tese é falsa e muitas vezes mentirosa, quando usada com a intenção de camuflar uma realidade que é vergonhosa e por isso mesmo dolorosa. O racismo existe.

Este é o tema da matéria de Capa desta Xapuri número 70. De forma ampla, o assunto é abordado por muitas facetas, inclusive a das quotas raciais em universidades e outras medidas afirmativas. É mais que evidente, após anos de avaliação, que essa política não tem a capacidade de acabar com o racismo, mas consegue mitigar erros que vêm desde a libertação dos escravos, no Império.

Um tema mais que oportuno, pois, pela sua atualidade. Mas a Xapuri tem, neste momento, que agradecer a seus leitores e colaboradores pelo sucesso da campanha S.O.S. Xavante, com gestos de solidariedade e amor ao próximo. A finalidade dessa campanha é adquirir equipamentos de saúde e equipar os postos de atendimento das aldeias desses índios, no Mato Grosso.

Também ganhou nova dinâmica a Loja Xapuri, com camisetas temáticas, muito bem recebidas pelo público. São formas de ajudar na luta pela contenção desse vírus maligno que afeta toda a humanidade, mas se apresenta com ainda mais crueldade quando ataca o indígena distante, nos sertões. As doações são feitas pela Internet e vão cair numa conta exclusiva.

Ao mesmo tempo, neste agosto de 2020, entrou em operação a Xapuri e-Books, uma editora virtual voltada à difusão de temas de interesse socioambiental. O primeiro livro editado é *Réquiem para o Cerrado*, do antropólogo Altair Sales Barbosa, lançado em debate nas redes sociais, no dia 3 de agosto.

Sim, mas vale lembrar que esta revista que começamos a folhear nos traz muitos assuntos de interesse, sempre muito bem ilustrados. Destaque a um deles, que relembra a obra de solidariedade nos deixada pelo querido Betinho.

Tem muito mais, é só conferir.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk
Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Vou lendo o blog Xapuri aos poucos, homeopaticamente... Fiquei encantado com "Ticê - A deusa brasileira do sagrado feminino". O texto ainda fala em Anhangá, personagem "suavizado" em meu livro infantil Guardiões do Cerrado, em que animais do bioma e Anhangá se unem para enfrentar os produtores de soja. Cada dia mais fã da Xapuri. Parabéns a vocês.

Evandro Valentim de Melo - Brasília - DF.

Agradecemos a todos [e a todas] da Xapuri pelo empenho e pela parceria na publicação do e-book Réquiem para o Cerrado, do professor Altair Sales Barbosa.

**Meirinalva Maria Pinto - Diretora Executiva do Instituto Altair Sales
- Goiânia - GO.**

*Minhas camisetas chegaram! Ficaram incríveis e na medida!
Obrigado pelo carinho, recebi a revista e adorei a publicação de vocês.*

Vagner Campos Araújo - Brasília - DF.



08 CAPA
Racismo: instrumento de
dominação das elites

20 CONJUNTURA
A essência do governo
é o neoliberalismo

15 BIODIVERSIDADE
A Ariramba

22 SOLIDARIEDADE
Betinho virou semente

18 AMAZÔNIA
Tempo de panapanás

24 CONSCIÊNCIA NEGRA
Movimento Negro Unificado:
42 anos de luta e resistência

Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

28 CULTURA
Os mensageiros de Jurupari

31 HOMENAGEM
Um par de sandálias
para o peregrino

33 PLANALTO CENTRAL
Do genocídio dos valentes Goyá

34 GASTRONOMIA
Chico Balanceado

35 LITERATURA
De cachorros

36 PERFIL
Rosilene Corrêa:
mestra de tanta luta

40 MEMÓRIA
Sérgio Ricardo
no Teatro Amazonas com
Thiago de Mello

43 DICA ECOLÓGICA
Orquídeas: nada de veneno,
use canela!

44 SAGRADO INDÍGENA
A humanidade que pensamos ser

46 SUSTENTABILIDADE
Van Gogh fala do amor
necessário

48 UNIVERSO FEMININO
Obá: a deusa que vence
qualquer batalha!



Revista Xapuri

Imagem do mês

@sosxavante

@revistaxapuri

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

RACISMO: INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO DAS ELITES

Jaime Sautchuk

Com frequência, ouvimos dizer ou lemos em algum lugar que o povo brasileiro é fruto de uma diversidade racial gerada pelo índio nativo, os portugueses de Cabral em diante e o negro africano que por aqui aportaram. Do amálgama daí decorrente teria surgido um povo com características muito próprias, de origem tricontinental, de cor mestiça, com uma única língua e morador de um mesmo território.

Entretanto, a realidade é bem diferente disso, como comprova a enorme desigualdade socioeconômica existente em nosso país. O indígena que não foi morto sempre foi perseguido ou isolado. O negro veio contra sua vontade, acorrentado, e após libertado foi morar nas periferias e grotões, sem estudo nem trabalho. E a elite é todinha branca, descendente de europeu – ou diz que é.

O educador Darcy Ribeiro, em seu livro *O Povo Brasileiro* – a formação e o sentido do Brasil, resumiu desta forma a composição da sociedade brasileira:

“O espantoso é que os brasileiros, orgulhosos de sua tão proclamada, como falsa, ‘democracia racial’, raramente percebem os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais. O mais grave é que esse abismo não conduz a conflitos tendentes a transpô-lo, porque se cristalizam num modus vivendi que aparta os ricos dos pobres, como se fossem castas e guetos. Os privilegiados simplesmente se isolam numa barreira de indiferença para com a sina dos pobres, cuja miséria repugnante procuram ignorar ou ocultar numa espécie de miopia social que perpetua a alternidade. (...) Essa alternidade só se potencializou dinamicamente nas lutas seculares dos índios e dos negros contra a escravidão. (...) Nessa condição de distanciamento social, a amargura provocada pela exacerbação do preconceito classista e pela consciência emergente da injustiça bem pode eclodir, amanhã, em convulsões anárquicas que conflagrem toda a sociedade. Esse risco sempre presente é que explica a preocupação obsessiva que tiveram as classes dominantes pela manutenção da ordem.”

As pessoas negras são alvos prioritários das autoridades, mas só das policiais, pois já nascem culpadas de algum crime, pelo qual cedo ou tarde irão pagar. Já as autoridades da saúde, as diretoras de escolas ou agentes do bem-estar querem distância dessas áreas, justamente porque são muito perigosas. Há tiroteios (da polícia), com gente morta (pela polícia), e supostos bandidos, na maioria negros, presos por serem suspeitos de algum crime.

Os primeiros serviços públicos a chegarem nas zonas mais pobres das grandes cidades brasileiras são, sem dúvidas, os de segurança pública, quase sempre solitários. Os estados locais, através das polícias civil ou militar, promovem a ocupação literal de favelas e outras zonas de moradias precárias, por meio da força e da violência. E o governo federal usa contingentes do Exército, da Força Nacional, com a mesma finalidade, mas de forma direta, passando por cima dos governos locais.



PODER ARMADO

As forças armadas deixam de ser apenas as convencionais e ganham maior poder ao arregimentar componentes e armamentos por outros caminhos que não o estatal. Entram em cena, então, as milícias locais, bem organizadas; empresas de segurança privada, com grandes contingentes; associações de ex-militares, de caráter civil, mas muito dispostas; mercenários de todas as procedências, como os que invadiram o Iraque; e mesmo integrantes de forças regulares em atuações paralelas.

Não faltam exemplos do uso desses recursos por membros do atual governo da República do Brasil, mas dois deles ganharam grande notoriedade, justamente por se enquadrarem nessa categoria. Um, foi a tomada de quartéis da Polícia Militar do Ceará por milicianos, identificados como ex-policiais militares, que passaram a impedir a ação regular daquela força estadual. Houve a retenção de viaturas nos quartéis, com ameaças de morte a condutores desses veículos, que ficaram vários dias contidos, como se fosse uma rebelião da própria PM, o que comprovadamente não era.

Outro caso foi a morte do miliciano Adriano da Nóbrega. Em confronto armado com polícia baiana, na localidade de Esplanada, interior do Estado. Ex-capitão da PM, membro ativo da milícia do Rio de Janeiro, ele era acusado de vários assassinatos e há dois anos era apontado como foragido. Quando foi morto, porém, o caso gerou protestos do presidente da República e, com ainda mais intensidade, do seu filho Flávio Bolsonaro, apontados como amigos do criminoso morto.

Facções do crime organizado que já controlam o

mercado ilegal de armas passam a integrar essas, que são chamadas de “máquinas de guerra”, pois passam a ser tão bem equipadas quanto as forças convencionais. No caso do Brasil, é possível o uso de contingentes do Exército no papel policial de forças de segurança, modalidade inaugurada no Rio de Janeiro, com a marca de “força de pacificação”, mas com rastro de sangue por onde passou e onde estacionou.

Foram acionadas, também, pelo atual governo federal, em várias tarefas especiais como, por exemplo, a de controle de incêndios na Amazônia. No momento, contudo, essas forças estão em atividades em 16 estados brasileiros e estão prestes a, mais uma vez, serem encarregadas de apagar incêndios na Amazônia, consequência do crescimento do desmatamento nesses primeiros meses de 2020. Madeireiros, mineradores e ruralistas receberam sinal verde das autoridades federais pra devastação que já está em curso.

O fato é que, como quem não quer nada, na moita, o Palácio do Planalto vem montando a estrutura de uma máquina de guerra que pode ser convocada a qualquer momento e colocada sob o comando de militares de alta patente que trabalham no governo. Pela proximidade do governo verde-amarelo com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, é natural a conclusão de que as forças ianques estão com os coturnos em nosso território.

Mesmo que não necessite movimentar essas tropas por razões internas, portanto, o presidente brasileiro conta com a possibilidade de, a mando do poder colonial, em Washington, invadir a Venezuela, nossa

vizinha do Norte, principal fornecedora de petróleo aos Estados Unidos. Está cada vez mais claro que as forças armadas a serem utilizadas serão desse novo tipo, sob a tutela do governo, não do Estado brasileiro.

IBGE

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) esclarecem a questão do racismo estrutural no Brasil. O levantamento mostra que trabalhadores negros enfrentam mais dificuldades para encontrar um emprego na comparação com trabalhadores brancos, mesmo quando possuem a mesma qualificação. Os dados são estes:

“Quando trabalham, recebem até 31% menos: a renda média domiciliar per capita dos pretos ou pardos foi de R\$ 934 em 2018; a dos brancos, de R\$ 1846.

E quando as pessoas conseguem um emprego? A desigualdade persiste.

A taxa de desemprego entre pretos e pardos também é superior àquela entre os brancos, em todos os níveis de instrução: entre os que têm ensino superior completo, a taxa de desemprego é de 5,5% para os brancos e de 7,1% para pretos e pardos; na faixa com ensino médio completo ou superior incompleto, os brancos têm taxa de desemprego na casa de 11,3%, contra 15,4% dos pretos e pardos.

Em 2018, trabalhadores brancos ocupados tinham rendimento por hora superior ao da população preta ou parda em todos os níveis de educação. Entre aqueles com ensino superior completo, por exemplo, os dados apontam que os brancos recebiam R\$ 32,80, 45% a mais que os pretos e pardos, que ganhavam R\$ 22,70.

Entre os 10% com maior renda domiciliar per capita, 70,6% eram brancos e somente 27,7% eram pretos ou pardos.

Vale lembrar que na população em geral os pretos e pardos são maioria, 55,8% dos brasileiros.”

DESIGUALDADE

O sistema fundiário brasileiro, com um modelo agrícola concentrador e predatório, expulsa o homem e a mulher do campo pras periferias das grandes cidades, onde estarão sob controle. Mais frágeis nas disputas de todo tipo, as famílias de trabalhadores rurais e de pequenos proprietários são postas a correr do campo e concentradas de modo rústico nas zonas urbanas, afastadas de locais de trabalho e de possíveis concentrações públicas.

Depois de instaladas as forças policiais e, na prática, decretadas situações de emergência nas localidades, começam a surgir situações novas e inexplicáveis de balas perdidas e outras modalidades de distribuição de medo e subjugação. O fato é que os projéteis mortais aparecem não se sabe de onde, atingindo quem estiver pela frente, inclusive crianças, caso que chama atenção da mídia, o que não ocorre quando a vítima é pessoa adulta, o que é mais corriqueiro.

Na verdade, nessas comunidades quase não há brancos, por mais pessoas de pele clara que haja naquelas quebradas. Essas são mestiças, normalmente descendentes de homens brancos da Casa Grande e negras escravas, que também a isso serviam. Ou das relações de indígenas, aculturados na marra ou aprisionados, Mulheres eram escravizadas pra fazerem serviços domésticos e algumas atividades nas lavouras, mas sempre com vistas a procriar a prole, que valia dinheiro.

É certo que, ao iniciar o processo de libertação dos escravos, Dom Pedro II providenciou, também, a vinda de trabalhadores brancos da Europa, inclusive dos países do leste europeu, como Ucrânia e Polônia. Esse imigrante, contudo, até por razões climáticas, se estabeleceu no Sul e Sudeste do País, especialmente em áreas rurais, dando origem a muitas cidades.



Já as elites brancas estão em bairros nobres de grandes cidades, onde negros e negras só entram pra trabalhar. Nessas áreas há serviços públicos de todas as modalidades, com destaque à mobilidade urbana e, de novo, à segurança pública, só que agora pra defender as populações ricas e seu patrimônio.

Em 1908 chegou ao Brasil um navio com uma primeira leva de imigrantes japoneses, com 781 pessoas, que foram encaminhados a fazendas de café, carentes de mão de obra após o fim da escravidão. Dificuldades de adaptação, porém, acabaram mudando o rumo desses trabalhadores, que foram morar em cidades. Um século depois, a comunidade originária daquele país, em solo brasileiro, já somava cerca de dois milhões de pessoas, com forte influência na vida nacional.

Já a imigração de árabes, bastante acentuada, teve início na segunda metade do século XIX, de modo espontâneo, principalmente por vários portos do Sul e Sudeste. Na maioria, vinham do Líbano e da Síria e, ao chegarem aqui, eram conhecidos como “turcos”, por virem de regiões que, à época, estavam sob domínio da Turquia. Atuavam principalmente no comércio ambulante, como caixeiros-viajantes ou mascates e percorriam os mais remotos rincões, em especial do Centro-Oeste, levando roupas, calçados e outros produtos e notícias das capitais, vendendo a prazo, na confiança. Dados do Itamaraty indicam a presença de 7 a 10 milhões de descendentes de árabes no Brasil.

AFIRMAÇÃO

Certa vez, na França, um ministro do Supremo de lá perguntou a Joaquim Benedito Barbosa Gomes se ele, como negro, teria alguma chance de um dia chegar a ministro do Supremo daqui. Sua resposta foi curta e grossa: “Nenhuma”. Ele cursava doutorado em Direito e sabia bem que o STF era a instituição mais elitista do Brasil, mas não contava com um presidente como Luiz Inácio Lula da Silva, que fez questão de nomear um ministro por um critério inusitado, além dos normais: a cor do escolhido.

Ele havia concluído sua graduação em Direito em 79, na UnB – Universidade de Brasília, e engatou logo o mestrado, que concluiu em 82. Menos de dois anos depois, passou no concurso para o Ministério Público Federal, indo trabalhar com Sepúlveda Pertence, na Procuradoria-Geral da República. Foi Pertence quem criou condições pra que, em 88, Joaquim fosse pra França. Mais três diplomas: especialização, mestrado e doutorado. Sempre em escola pública.

Joaquim Barbosa nasceu em Paracatu, Oeste de Minas Gerais, onde já no início do século XIX, com o fim do Ciclo do Ouro, havia grande concentração de negros livres da escravidão. De família numerosa, desde os 10 anos ele vendia frutas em jogos de futebol e fazia outros biscates. O pai abandonou a família e coube a ele, ainda adolescente, o papel de arrimo.

Com ajuda de amigos, aos 16 anos ele se mudou pra Brasília, pra concluir o segundo grau e trabalhar.

Sua mãe e os irmãos vieram logo depois. Conseguiu vaga no Colégio Elefante Branco, à época referência em ensino e em agitação cultural e política na Capital.

Para o sustento da família, arranjou emprego na gráfica do jornal *Correio Braziliense*, como compositor de textos. Lia, pois, boa parte do jornal do dia seguinte. Em 1973, por “presente de Deus”, arranjou emprego na respeitada Gráfica do Senado, também como compositor. Transpunha para o *Diário do Congresso* os discursos de gente como Afonso Arinos, Paulo Brossard e tantos outros – “verdadeiras aulas”.

A decisão do presidente Lula fazia parte de sua política de ações afirmativas – ou racismo positivo – tão polêmica quanto a cota de negros em universidades públicas. Esse seria, segundo ele, o único caminho capaz de mitigar o erro histórico de libertação dos escravos sem uma estratégia de encaminhamento dessas pessoas na vida, com igualdade de condições. Hoje, podemos observar os efeitos dessas medidas, mas como modo de atenuar um mal, não de erradicá-lo.

O fato é que o racismo vai muito além de posições políticas localizadas, pois está impregnado em todos os aspectos da vida, do legal ao econômico, do cultural ao religioso, do musical ao noticioso. O antropólogo Sílvio Almeida afirma, em seu livro *Racismo Estrutural* que:

“O significado das práticas discriminatórias pelas quais o racismo se realiza é dado pela ideologia. Nossa relação com a vida social é mediada pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade.”

COLONIALISMO

O colonialismo durou muito mais tempo na África do que nas Américas, com a diferença básica de que os países africanos eram usados pelos colonialistas como fornecedores de recursos naturais e de escravos. Ao justificarem sua ação escravista, os europeus alegavam razões biológicas que tornavam os povos nativos inferiores, incultos e incapazes de serem educados. O mesmo ocorria nas relações entre os portugueses e os indígenas da colônia que veio a ser o Brasil.

O tratamento dado pelos europeus à África era, este sim, desqualificado. A começar pela questão espacial, já que as colônias eram divididas por critérios geográficos, sem levar em conta as organizações sociais ali existentes. E, mesmo após o fim do regime escravocrata, a dominação colonial se uniu ao imperialismo dos Estados Unidos pra impor regras à África independente.

Vale lembrar que, em meados do Século XX, as nações africanas mostravam sua força ao criarem o Pan-africanismo, movimento que advogava a união dos países daquele continente e dava fôlego a ideias socialistas que davam base às lutas pela libertação daqueles povos. Eles pregavam o voto universal, inclusive das mulheres, e nenhum tipo de discriminação econômica ou racial.

Além de Kwame Nkrumah, de Gana, e de Patrice Lumumba, do Congo, pululavam pela África





ocidental outros movimentos e outros líderes do mesmo matiz. Entre exemplos mais clássicos estavam Julius Nyerere, da Tanzânia, Sekou Toure, da Guiné, Tom Mboia, do Quênia.

A estratégia do colonialismo e do imperialismo, por outro lado, era evitar que a África se desenvolvesse, que as ideias socialistas não prosperassem, que aquela gente ficasse onde estava. E jogaram pesado contra essas lideranças. Pelos dados oficiais da ONU – Organização das Nações Unidas, de 1963 a 1969 ocorreram 25 golpes de Estado na África, inclusive o de Gana, que derrubou Nkrumah.

Lumumba foi líder da luta pela libertação de seu país do domínio belga e elevado ao poder pelo enorme clamor popular, em 1961, aos 35 anos de idade. Mas ficou apenas 67 dias como primeiro-ministro, sendo destituído por um golpe comprovadamente orientado pela Bélgica e, em especial, pela Agência de Inteligência dos Estados Unidos (CIA), e assassinado.

Na sua formação política, Lumumba teve forte influência de Kwame Nkrumah, líder marxista que foi primeiro-ministro e presidente de Gana, desde a libertação da Inglaterra, em 1957, até 1966, quando foi deposto por um golpe de Estado. Ele não morreu porque estava em viagem a Hanói, Vietnã do Norte, e exilou-se na Guiné, onde faleceu em 72.

Já em 1958, Lumumba foi eleito presidente da União dos Trabalhadores do Congo. Naquele mesmo ano, Nkrumah promoveu em Gana o 6º Congresso Pan-Africano. Os outros cinco tinham sido realizados em países europeus, com apoio não governamental. Este, por ser em solo africano, fortaleceu a ideia da libertação e do socialismo. Dois anos depois, a Bélgica teve que aceitar a independência da sua colônia.

A negociação final foi em Bruxelas. Mas os negociadores congolese exigiram a presença de Lumumba, que estava preso em Leopoldville (hoje Kinshasa). Os belgas o colocaram em um avião e tiveram que engolir o jovem líder como primeiro-ministro. Sua fala, na posse, bateu forte e irritou ainda mais os belgas.

Lumumba mal se sentou na cadeira e já se deparou com uma verdade africana, da qual Nkrumah fala em um de seus livros (*Luta de Classes na África*). Ele diz que a burguesia que detinha o poder antes das independências era a mesma que solapava os novos regimes, em conluio com os ex-colonizadores e os Estados Unidos.

A província mineral de Katanga, sob a liderança de Moise Tshombe, foi a que mais se rebelou contra o novo governo do Congo. Esse sujeito era paumandado dos brancos que habitavam aquela rica província, vizinha da Rodésia (hoje Zimbábue), onde o *apartheid* racial era a regra.

No caso do Congo, o governo acabou nas mãos de outro aliado do imperialismo, o coronel Mobutu Sese Seko, que se instalou no poder por décadas e mudou o nome do país para Zaire. Só fez acirrar as desigualdades. Depois, a R.D. do Congo voltou a ser democrática, mas, apesar das enormes riquezas que detém, disputa a vaga de país mais pobre do mundo.

O fato é que o movimento pan-africanista vinha ganhando vulto. A influência da União Soviética poderia frutificar por ali. O colonial-imperialismo resolveu, então, dar um corte na história e pegou Lumumba como exemplar. Afinal, o Congo já tinha uma indústria mineradora de cobre, ouro e diamante e uma classe operária bem organizada.

O mesmo ocorria em Gana, onde a agricultura em larga escala, a indústria minero-metalúrgica e de construção, cresciam com as escolas e hospitais. Foi Nkrumah que construiu, por exemplo, a hidrelétrica de Akosombo, no rio Volta, que formou o que era, então, o maior lago artificial do mundo. Ele costumava dizer que “precisamos acabar com o tribalismo, não com as tribos”.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



Foto: divulgação/ Luiz Alberto Santos

A ARIRAMBA

Thiago de Mello

Caboclo bom não padece de falsa modéstia. Digo contente que sou *ariramba*. É o nome de uma ave azulada, peito branco, bico comprido, célere de voo. Manhã de sol intenso, ela fica mais azul. Voa rasteira e faz ninho num buraco de barranco.

Quem nasce em Barreirinha, pátria minha, o povo da floresta chama de ariramba. Os de Manicoré, como o querido Coriolano Lindoso, são chamados de bacurau, pássaro noturno.



Thiago de Mello –
Poeta maior da Amazônia e do Brasil,
em *Amazonas – Águas, Pássaros, Seres*
e *Milagres*. Editora Salamandra, 1998.



Foto: divulgação

O CAPITALISMO É RACISTA!

Ainda no século 19, durante a crise de 1873, que colocou a Europa em um estado de estagnação econômica, a pseudociência do *Darwinismo Social* criou a base que traria paz de espírito aos violentos *conquistadores* que buscariam fora de suas terras as riquezas necessárias para garantir a recuperação do crescimento inexistente à época graças à superacumulação do capital. O imperialismo, estabelecido à época, segundo o historiador argentino, residente no Brasil, Osvaldo Coggiola, foi uma *solução* criada sobre um alicerce eurocêntrico de progresso. Os povos da África precisavam ser “*salvos de seu atraso natural*”. Isso justificou assassinatos, pilhagem e trabalho escravo no continente (mesmo depois da abolição nas nações colonizadoras). Houve apoio até mesmo de setores da Internacional Socialista com seu discurso de obra *civilizadora*. Nesse período se usou o termo *raça* como ferramenta para se classificar as pessoas em categorias físicas e mentais específicas.

Não há necessidade de discorrer sobre o desdobrar dessa cultura formada no mundo capitalista durante as duas grandes guerras e a crise de 1929. Até porque, mesmo durante o período do desenvolvimento da ideia do estado social keynesiano, ou estado de bem-estar social, o acesso aos direitos sociais não foi simétrico e a desigualdade permanece uma constante do sistema.

Sabemos que o banco é uma das instituições fundamentais da terceira fase do capitalismo, o capitalismo financeiro. E eu repito: **o capitalismo é racista!**

Dados do IBGE de 2018 mostram que 55,8% da população se declara preta ou parda. No entanto, segundo os dados do Censo da Diversidade da Febraban, em 2014 (a última pesquisa aconteceu em 2019, mas infelizmente os dados ainda não foram publicados) apenas 24,7% dos bancários do país eram pretos e pardos. Mas não para por aí. Já parou pra pensar em quantas vezes você, que está lendo este artigo, recebeu atendimento em uma agência bancária por uma pessoa negra? Quantas pessoas negras já te prestaram um serviço gerencial? Te parece que uma a cada 4 pessoas na linha de frente de um banco são negras? Os bancos admitem pouco, olhando a proporção da população e, quando admitem, aparentemente escondem nos bastidores. E essa razão se torna muito pior quando se sobe a escada da carreira bancária. São raros os cargos de superintendência,

diretoria, vice-presidência e presidência ocupados por quem é de cor preta ou parda.

O racismo estrutural, que é praticamente uma base do capitalismo, dificulta o acesso à formação, o que impacta na empregabilidade. No entanto não para por aí, uma vez que se mantém até hoje de forma velada a crença de superioridade racial que pautou o imperialismo. Quando se fala sobre ascensão em qualquer carreira, o caráter subjetivo das chamadas análises de perfil, sempre presentes nos processos seletivos, acabam por refletir o atraso real da opinião pública e condenar ao ostracismo quem quer que pertença a alguma **rotulada minoria**. Destaque para a palavra **rotulada**. Da última vez que eu chequei, 55,8% ainda eram maioria. É um conhecimento passado em cada casa deste país que a cor da sua pele e o tipo do seu cabelo vão definir quanto esforço você precisa fazer pra sair de um ponto e chegar a outro ponto qualquer da pirâmide social. No entanto, nos bancos, parece que nenhum esforço é grande o bastante se a sua cor é negra. Mas isso é tão fácil de entender quanto difícil de resolver: o banco é fundamental ao capitalismo, e o capitalismo é **racista**.

SOS XAVANTE

“Um salve a todos os povos indígenas e aos e às indigenistas que labutaram e labutam em defesa da população indígena brasileira.”

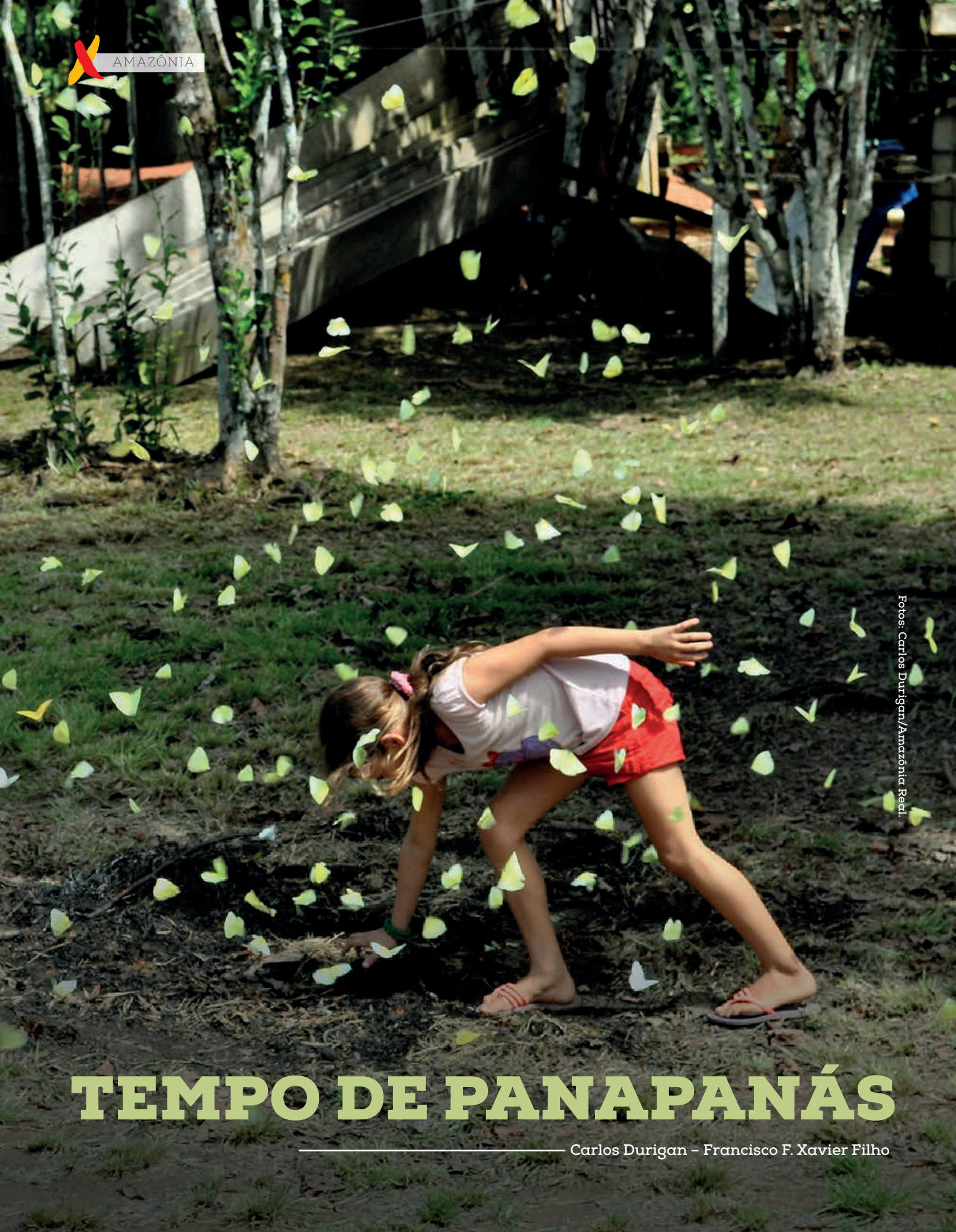
Hugo Meireles Heringer – Indigenista

Bancários e Bancárias junto com o povo Xavante na luta para salvar vidas!



Edson Ivo Moreira Martins –
Secretário de Combate à Discriminação
no Sindicato dos Bancários DF





Fotos: Carlos Durigan/Amazônia Real.

TEMPO DE PANAPANÁS

Carlos Durigan – Francisco F. Xavier Filho

Entra ano e sai ano e sempre nesta época de quebra das águas, como se diz para o início da vazante dos rios na Amazônia, ou início do chamado verão amazônico no mês de julho, nos deparamos com inúmeras e coloridas panapanás. Panapaná é um termo de origem tupi que se refere a um bando de borboletas.

Especialmente este ano de 2020, um ano particularmente trágico e triste para quem vive na Amazônia, seja em razão da pandemia de Covid-19, que nos atinge tão fortemente, seja pelo aumento da degradação e destruição ambiental que vêm aumentando significativamente nos últimos dois anos, estamos testemunhando grandes panapanás por toda a Manaus, o que para muitas pessoas é um alento, traz boas energias e inunda nossos sentidos de beleza.

Este fenômeno sazonal é observado em quase toda a Amazônia. É justamente nesta época de início da vazão das águas dos rios amazônicos que diversas espécies de borboletas começam a se expor nas margens e praias formando ambientes atrativos. Elas se juntam numa verdadeira procissão rumo a locais onde já existam solos ou bancos de areia expostos, onde podem encontrar sais minerais essenciais para o desenvolvimento e reprodução.

Nestes grandes agrupamentos predominam espécies de borboletas amarelas, do gênero *Phoebis*, mas também vemos grande quantidade de indivíduos de *Marpesia*, borboletas alaranjadas, e ainda *Eunica*, de asas acinzentadas e azuladas, mais escuras; mas dependendo do ano e mesmo da região, outros grupos podem ser registrados e grandes agrupamentos multicoloridos de quase uma dezena de diferentes espécies podem ser vistos.

Podemos estimar que esta grande revoada pode chegar a centenas de milhares de indivíduos numa só região. Em um trecho do rio Jaú, afluente do rio Negro, há alguns anos, numa viagem de voadeira de horas, resolvi contar as borboletas amarelas que atravessavam o rio na nossa frente e o fiz por aproximadamente 30 minutos, usando um contador manual que trazia em minha mochila. Pude contar nada menos que 2.700! Impossível não reparar neste fenômeno anual quando viajamos pela Amazônia. No século XIX, o naturalista Henry Bates já registrava em sua passagem pela região: "...todo dia fervilhava o ar de miríades destas borboletas que, em bandos de 3 a 8 milhas de largura, atravessavam o rio, voando todas na mesma direção".

Nas comunidades rurais, nesta época, elas também se aglomeram sobre flutuantes e trapiches, principalmente em locais onde se lavam roupas, e é comum vermos grandes aglomerações sobre as roupas ensaboadas e mesmo sobre o sabão.

Nas grandes cidades amazônicas como Manaus, um fator importante para a sobrevivência destas borboletas em sua passagem pelo ambiente urbanizado são os fragmentos florestais, assim como os quintais e mesmo as árvores em praças e

calçadas. Elas dependem destes espaços naturais onde se alimentam nas flores e ainda encontram abrigo para o seu descanso.

Apesar da beleza, há quem diga ainda que, quando esta concentração se avoluma, é sinal de verão forte ou ainda que elas prenunciavam tempos de seca e queimadas e por isso as vemos também se concentrarem sobre áreas queimadas em áreas abertas para agricultura. Nos últimos anos, com tempos secos extremos e grandes queimadas, observamos as panapanás mais frequentes e mesmo frequentando áreas urbanas, algo que poderia ser explorado como um potencial indicador de extremos na mudança do clima na Amazônia.

Fiquemos, pois, atentos às panapanás, apreciando-as; mas, ao mesmo tempo, que elas nos sirvam de alerta para cuidarmos melhor de nossas florestas em tempos de verão.



Carlos Durigan – Geógrafo. Mestre em Ecologia. Vive e atua na Amazônia há 26 anos. Participa de pesquisas multidisciplinares envolvendo estudos e trabalhos de campo em biodiversidade e sociodiversidade para subsidiar ações em Unidades de Conservação e Terras Indígenas. Atualmente é Diretor da WCS Brasil (Associação Conservação da Vida Silvestre).

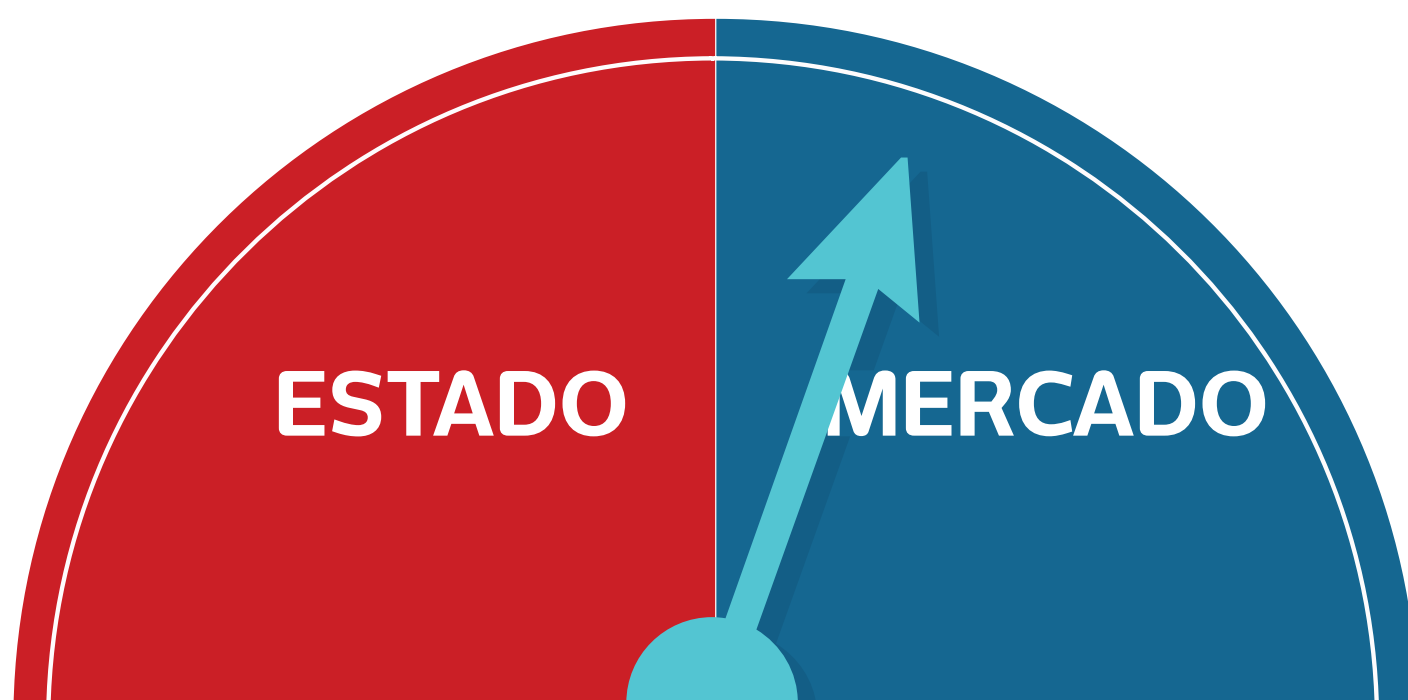


Francisco F. Xavier Filho – Biólogo e entomólogo do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.

Fonte desta matéria:
<https://amazoniareal.com.br/tempo-de-panapana->

A ESSÊNCIA DO GOVERNO É O NEOLIBERALISMO

Emir Sader



O capitalismo internacional assumiu o modelo neoliberal como o seu, em todas as partes do mundo, em todas as circunstâncias. Todos os governos de direita assumiram esse modelo.

No Brasil, a direita agiu, desde que passou a governar o país, de todas as formas, para tratar de retomar esse modelo. Primeiro pelas eleições, quatro vezes, depois pelo golpe contra a Dilma.

Assim que retomou o governo, a primeira coisa que fez foi nomear um ministro neoliberal para dirigir a economia, Henrique Meirelles. Realizou-se, junto com o sonho da direita de tirar o PT do governo, o de restabelecer seu modelo.

Nesse aspecto, há continuidade entre os governos de Temer e de Bolsonaro. Paulo Guedes mantém a mesma política econômica de Meirelles, mais além das declarações ideológicas ultra neoliberais, que não afetam a política econômica.

Quais as diferenças entre os governos Temer e Bolsonaro? São, antes de tudo, governos da direita brasileira, cujos objetivos são tirar o PT do governo e estabelecer políticas neoliberais. Fernando Collor, FHC, Temer, Bolsonaro – são distintas expressões políticas disso.

Temer e Bolsonaro assumiram no processo de ruptura da democracia, segundo a estratégia da guerra híbrida. A diferença vem de que Temer assumiu imediatamente quando foi consumado o golpe contra a Dilma. Não teve que concorrer em eleições.

A modalidade da guerra híbrida viola a democracia, pela judicialização da política, supõe a manutenção de certo grau de institucionalidade, porque trata de afirmar que não rompe com a democracia. Tiveram então que manter o calendário eleitoral e as eleições de 2018.

Mas, como os governos neoliberais não têm políticas sociais e, assim, tendem a ser derrotados nas eleições, Lula era o favorito para ganhar as eleições no primeiro turno. A direita então colocou em prática a nova operação da guerra híbrida e da judicialização da política.

Prendeu e condenou o Lula, sem provas, promoveu uma brutal operação de whatsapp, que alterou o resultado eleitoral, provocando a derrota do Haddad e a vitória do Bolsonaro.

A projeção de Bolsonaro como líder da direita, no lugar do estilo dos tucanos, produziu alterações não somente no discurso político, mas também em transformações no governo.

O discurso do novo presidente passou a promover ataques ao Judiciário, ao Congresso, aos meios de comunicação e à oposição, com linguagem violenta e ameaças de uso da força contra eles. Ao mesmo tempo, foi liberado ainda mais o porte de armas, incentivadas as ações violentas das polícias contra a população mais pobre.

Ao mesmo tempo, sem equipe para governar, Bolsonaro foi apelando cada vez mais para os militares, que foram encontrando nele quem reivindicasse sua ação no passado da história brasileira, na contramão da reconstrução da democracia no Brasil. E foram ocupando cada vez mais cargos no governo – calcula-se de 3 a 6 mil cargos –, incluindo postos-chave no próprio Palácio do Planalto e a ocupação militar do Ministério da Saúde, em plena pandemia.

O apoio do grande empresariado, pela política econômica neoliberal, e a presença dos militares são elementos estruturais, sem os quais o governo não se manteria. Mas o estilo de governo, a linguagem agressiva, não são indispensáveis. O apoio que tem do grande empresariado e do jornalismo econômico é indispensável e tem no neoliberalismo seu eixo de apoio.

Isso separa o que é essencial, indispensável no governo, e o que pode ser mudado, sem que sua natureza seja alterada. O Bolsonaro serviu como candidato, mas tem atitudes e linguagem que podem ser dispensados.

O fundamental é que o Paulo Guedes, ou outro neoliberal, mantenha o modelo em funcionamento. Assim como um governo anti Bolsonaro tem que ser um governo antineoliberal, não basta ser antifascista ou contra o governo politicamente.



Emir Sader
Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

BETINHO VIROU SEMENTE

— Zezé Weiss

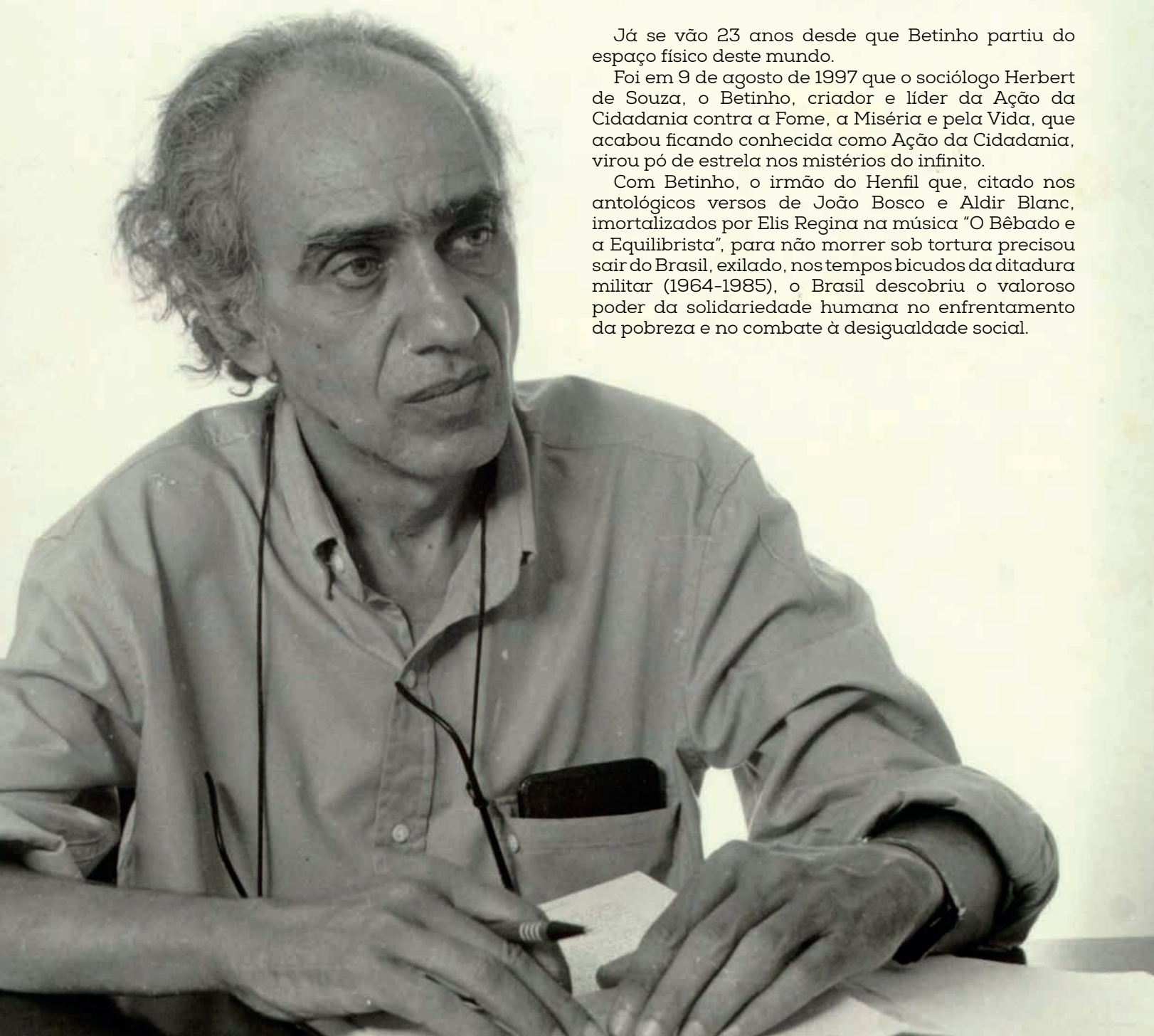
“Meu Brasil que sonha com a volta do irmão do Henfil de tanta gente que partiu...”

João Bosco – Aldir Blanc

Já se vão 23 anos desde que Betinho partiu do espaço físico deste mundo.

Foi em 9 de agosto de 1997 que o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, criador e líder da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, que acabou ficando conhecida como Ação da Cidadania, virou pó de estrela nos mistérios do infinito.

Com Betinho, o irmão do Henfil que, citado nos antológicos versos de João Bosco e Aldir Blanc, imortalizados por Elis Regina na música “O Bêbado e a Equilibrada”, para não morrer sob tortura precisou sair do Brasil, exilado, nos tempos bicudos da ditadura militar (1964-1985), o Brasil descobriu o valoroso poder da solidariedade humana no enfrentamento da pobreza e no combate à desigualdade social.



Para o exílio, o militante da Ação Católica e um dos fundadores da Ação Popular (AP), grupo católico pró-socialismo, enquanto era estudante de sociologia na Universidade Federal de Minas Gerais, partiu em 1971. O engajamento na luta pelas reformas de base do governo João Goulart nos anos 1960 o colocaram na mira do golpe militar de 1964. Enquanto exilado, morou no Chile, no Canadá e no México.

Uma intensa campanha pela anistia no final dos anos 1970 trouxe de volta ao Brasil Betinho, em 1979, e “tanta gente que partiu” nos anos seguintes.

Dois anos depois, Betinho cria o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), junto com os companheiros de exílio Carlos Afonso e Marcos Arruda. Em 1990, sob a liderança de Betinho, o Ibase organizou o encontro “Terra e Democracia”, que contou com a presença de 200 mil pessoas no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Diagnosticado como portador do vírus HIV, Betinho ajudou a fundar a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (Abia), em 1986. Em 1992, fez parte do Movimento pela Ética na Política, que culminou com o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. O movimento serviria de base para a mobilização da campanha contra a fome.

BETINHO VIROU SEMENTE

Em 4 de dezembro de 2012, o legado de Betinho foi reconhecido pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como parte relevante da memória mundial. O arquivo de Betinho está disponível para consulta no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio.

Ao reconhecimento internacional, soma-se a ação cidadã e solidária de milhares de pessoas voluntárias espalhadas Brasil afora, fazendo germinar as sementes deixadas por Betinho.

Entra ano, sai ano, não há lugar do Brasil onde não se saiba de um cuidado, uma atenção, uma cesta básica enviada pela Ação da Cidadania, em gigantesco movimento que move a solidariedade na rota do esperar. Há 28 anos consecutivos, por conta das sementes que Betinho plantou, a sociedade brasileira se mobiliza por um “Natal Sem Fome”.

QUEM TEM FOME TEM PRESSA

Essa pauta do Betinho quem nos sugeriu foi o Jacy Afonso, conselheiro da Revista Xapuri. Faço, eu lhe disse, mas quero alguém que possa me explicar como funciona o trabalho voluntário da Ação da Cidadania, de preferência aqui na nossa região de Brasília. “Fácil, só falar com o Zé Ivan”, respondeu Jacy.

José Ivan Mayer de Aquino, Especialista em Políticas Públicas e Gestão no Ministério da Cidadania, lotado na Coordenação Geral de Economia Solidária, Associativismo e Cooperativismo e professor de Educação Física aposentado do GDF é, desde 1993, coordenador voluntário da Ação da Cidadania no Distrito Federal e Entorno.



Pergunto ao Zé Ivan como se envolveu e como funciona a agenda da Ação da Cidadania. Descubro um calendário estruturado:

“Comecei, em 1993, por um chamado do Betinho. E desde que, em 1997, Betinho virou beija-flor, aqui na nossa região, tenho organizado a seguinte sequência de eventos e atividades solidárias: 14/07 – Liberdade, Igualdade, Fraternidade e Equidade, com ações solidárias de distribuição de alimentos e eventos de visibilidade na Esplanada dos Ministérios; 09/08 – Betinho Virou Semente; 23/09 – Betinho Virou Flor; 16/10 – Betinho Virou Fruto (desde 1993), dando início à campanha Natal Sem Fome, por ser o Dia Mundial da Alimentação; 20/11 – Betinho Virou Cidadão do Mundo.”

Neste ano de 2020, além da coordenação do calendário regular, Zé Ivan está especialmente envolvido na Campanha Ação Contra o Corona, em resposta à crise gerada pela pandemia da Covid-19.

“Desde março, já ajudei a coordenar a logística da entrega de 330 toneladas de alimentos e itens de higiene e limpeza para comunidades vulneráveis do Distrito Federal e região, Goiás, Acre, Rondônia, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, onde contribuimos com mil cestas básicas para a Campanha SOS Xavante,” conta.

Pergunto, também, ao Zé Ivan o que faz com que um cidadão aposentado de Brasília assuma, por toda uma vida, o compromisso de seguir, como um beija-flor, plantando as sementes de Betinho. “O que me move, a mim e às centenas de voluntários e voluntárias que, junto comigo, organizam e distribuem os alimentos doados por empresas e indivíduos, é a lição aprendida de Betinho: ‘QUEM TEM FOME TEM PRESSA’”.

Jacy tinha razão, o Zé Ivan era quem eu deveria procurar. O problema em achar a pessoa certa para a matéria justa é que, pra nós da Xapuri, o assunto tende a não se encerrar com a publicação da matéria. Dito e feito: essa semana, no meio da produção da edição 70, paramos tudo para ajudar o Zé Ivan a distribuir mil cestas básicas e mil kits de higiene para famílias do nosso nordeste goiano.



Zezé Weiss
Jornalista. Editora da Revista Xapuri.

@zezeweiss



MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO: 42 ANOS DE LUTA E RESISTÊNCIA

Iêda Leal

Já se vão 42 anos desde que, em 7 de julho de 1978, as escadarias do Teatro Municipal de São Paulo foram ocupadas por um ato de lançamento público do Movimento Negro Unificado (MNU).

Em plena ditadura militar, o MNU foi criado em reação à tortura e ao assassinato pela polícia militar do jovem negro Robson Luiz Ferreira da Luz, que havia sido preso, acusado de roubar frutas numa feira em Saulo Paulo, e ao assassinato do operário Newton Lourenço, morto pela polícia na Lapa, no Rio de Janeiro. Os militantes protestaram, também, contra a discriminação racial do Clube Regatas do Tietê a quatro jovens negros jogadores de vôlei que foram impedidos de entrar no clube.

No primeiro ato público, Abdias Nascimento, Hamilton Cardoso, Lélia Gonzalez, Milton Barbosa, Lenny Blue, Neusa Pereira e José Adão de Oliveira – fundadores (as) do MNU –, com milhares de negros e negras, gritavam à nação brasileira: BASTA DE RACISMO!

No dia seguinte, os jornais estampavam manchetes como “Os negros estão nas ruas” (J. Versus) e “Negros protestam em praça pública” (Folha). O ato foi uma declaração política contra as péssimas condições de vida da população negra e de denúncia aos crimes raciais. A manifestação foi um marco importante da história recente da luta do negro no país, que teve início na época do Brasil colonial com as insurgências e revoltas de toda ordem promovidas pelos africanos escravizados. No fim dos anos 1970, a criação do MNU, entidade de caráter nacional, abalou a estrutura da falsa democracia racial da sociedade brasileira.

Em carta aberta, lida no ato de lançamento, o MNU declarou importantes posições. *“Hoje estamos nas ruas numa campanha de denúncia! Campanha contra a discriminação racial, contra a opressão policial, contra o desemprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições de vida da Comunidade Negra. Hoje é um dia histórico. Um novo dia começa a surgir para o negro! Estamos saindo das salas de reuniões, das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado contra o racismo”*, dizia a carta aberta do MNU, datada de 1978 e publicada no livro *Lugar de Negro*, de Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg.

Desde sua fundação, em 1978, o MNU segue sua trajetória de luta, articulando o povo negro e conscientizando a sociedade brasileira para reagir contra o racismo e a desigualdade racial. Muitas batalhas foram travadas para defender vidas negras que, arrancadas da África e numa total e cruel desumanização, enfrentaram 372 anos de escravidão e, depois, lançados à própria sorte, nesses 132 anos de falsa abolição. São 504 anos de opressão, sem que o Estado Brasileiro promovesse a justa reparação ao povo negro.

Contra esse cotidiano de relações raciais tão desiguais, o MNU travou e trava batalhas fundamentais para a vida de negros e negras. Ajudou a derrubar o mito da democracia racial; promoveu a luta contra o extermínio da juventude negra, a defesa das mulheres negras, o fortalecimento da identidade negra, das comunidades de matrizes africanas; lutou pela criminalização do racismo (Lei Caó); defendeu o estudo da história da África e do povo negro nas escolas (Lei 10.639/03), o direito à terra das comunidades quilombolas; lutou contra a violência policial, lutou por cotas raciais (Lei Nº 12.711/12), por políticas públicas de saúde da população negra; denunciou e denuncia a discriminação no mercado de trabalho, o ataque às religiões de matriz africana; defende condições dignas de vida no campo, na cidade e nas florestas para a população negra; luta em defesa da comunidade LGBTQI+; combate a violência contra a mulher negra. E, neste momento, o MNU se levanta contra o governo de extrema direita e racista que retira direitos e mantém uma política genocida contra a população negra.

O MNU não se retira da luta enquanto houver racismo. Segue em marcha e resistindo e, a cada ato de racismo, uma nova convocação: REAJA À VIOLÊNCIA RACIAL! Uma chamada à nação. Exatamente, também, para quem, no conforto de sua branquitude, só consegue reagir ao racismo – à morte – para além das fronteiras. Aqueles que só enxergam o racismo debaixo dos pés (malditos) com raízes na KKK (Ku Klux Klan), mas são incapazes de se manifestarem contra o que ocorre debaixo do nariz, pelos pés e mãos dos racistas daqui.

No Brasil, um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos, policiais que deveriam proteger arrastam mulheres para a morte pelo assalto, metralham negros nas ruas com 80 tiros. Na calada da noite, metralham nossa jovem negra liderança, atiram para matar em crianças dentro de suas casas, conduzem sorrindo crianças à morte, apertam o botão do elevador. E, neste momento, o povo negro é o que mais morre pela Covid-19, situação que reflete as péssimas condições de moradia e a falta de acesso ao atendimento à saúde a que está submetida a população negra.

O MNU, nos seus 42 anos, reafirma o grito da sua Carta de Princípios: POR UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA RACIAL! PELA LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO! É MNU na resistência!



Iêda Leal – Coordenadora Nacional do MNU. Tesoureira do SINTEGO. Manifesto lançado pelo MNU em 21 de março de 2020.

Por amor.
Pela vida.
Pela família.

DIGA NÃO

ao RETORNO PRESENCIAL nas ESCOLAS

O Governo do Distrito Federal quer autorizar o retorno das atividades pedagógicas nas escolas públicas. **Com mais de 114.000 casos confirmados e 1.572 mortes no Distrito Federal**, dados do dia 4 de agosto de 2020, a possibilidade de retorno presencial preocupa professores(as), estudantes e a sociedade em geral.

O retorno presencial desrespeita completamente as diretrizes e preocupações da Organização Mundial de Saúde (OMS), de órgãos ligados à saúde e de cientistas, que alegam ser totalmente perigoso aglomerar estudantes em um momento que a curva, infelizmente, ainda está em alta. Este não é o momento de retornarmos às escolas, pois isto poderá levar muitas pessoas à morte.

Por amor. Pela vida. Pela família.
Diga não ao retorno presencial nas escolas.





Foto: Eduardo Pereira

OS MENSAGEIROS DE JURUPARI

Altair Sales Barbosa

Eu sou Gu-ê-Crig, único sobrevivente de um povo que se extinguiu. Dentro da cosmovisão de quem era minha gente, povoa um personagem enigmático, maligno, e demoníaco, ao qual os meus irmãos de outros povos indígenas atribuem o nome Jurupari.

As mulheres e crianças das aldeias ficam arrepiadas quando seu nome é mencionado. Ninguém sabe como é, ninguém conhece sua forma, porque ele nunca aparece, sempre atua através de mensageiros, que tomam formas humanas. E que sempre chegam aos territórios dos meus irmãos indígenas após um som estranho, imitando o ruído produzido por um instrumento de sopro feito de cabaça doce.

Chegam travestidos de inúmeros personagens e por onde passam deixam um rastro enorme de destruturação, mudam o rumo dos caminhos, criando dessa forma encruzilhadas confusas e perigosas. Intimidam os homens com artifícios perigosos, qual choque de poraquê, desrespeitam as mulheres, principalmente as mais jovens, e ainda cometem um mal maior: espancam as crianças.

Os geraiseiros, que tomaram emprestado um pouco da descendência indígena e convivem nos sertões dos gerais, afirmam que Jurupari aparece às noites de lua minguante, no alto das copas de sabiú, planta típica daqueles gerais. Durante a fase da lua minguante, todas as noites, seus secretários, súditos e bajuladores se reúnem para ouvi-lo. Depois tocam o tal instrumento de cabaça doce, dançam e desaparecem em várias direções.

Os geraiseiros ainda contam ser esta a causa da compactação do solo debaixo dos sabiús e que, por isso, nenhuma plantinha germina ali.

... Com toda certeza, Jurupari ficou sabendo dos paraísos indígenas desde muitas luas, até os dias atuais, seus mensageiros e bajuladores ainda andam perseguindo meus irmãos. Não contentes com o que fizeram, os atormentam de diversas maneiras. Antes, porém, de lhes mostrar a atual encruzilhada em que os seguidores de Jurupari fizeram enveredar os indígenas, vou lembrá-los um pouco da história que as nações indígenas construíram nos sertões de dentro, desta terra que mais tarde seria conhecida como Brasil.

Desde que as naus portuguesas chegaram em abril de 1500 ao litoral deste território, numa enseada batizada com o nome de Bahia de Todos os Santos, cerca de 25 gerações se passaram. Naquela época, os meus ancestrais indígenas já estavam na região dos grandes sertões há pelo menos 550 gerações.

Quando eles chegaram ao centro do que hoje é o Brasil, uma sensação estranha lhes tomou conta: Pensaram ter descoberto o paraíso, tal a opulência

de recursos. As paisagens, com seus inúmeros rios de águas cristalinas, repletos de peixes, com seus variados frutos comestíveis, com uma diversidade enorme de animais e ainda com inúmeros abrigos naturais, os acolheram de forma tão carinhosa que eles souberam retribuir essa acolhida com uma grande pitada de carinho cultural e harmonia.

Os ameríndios, como também nos apelidaram, chegaram neste ambiente como nômades, caçadores, pescadores e coletores das sobrevivências. As moradias eram os abrigos naturais ou cavernas, locais onde enterravam e veneravam os mortos. Nesses locais sempre se faziam cerimônias, gravavam mensagens, ou simplesmente decoravam artisticamente suas paredes. Mais tarde, com as diversas oportunidades que o ambiente oferecia, aprenderam a domesticar alguns dos vegetais nativos e, dessa forma, alguns dos meus ancestrais se transformaram em horticultores. Com isto, deixaram a moradia das cavernas e passaram a colonizar os verdejantes vales desta terra, onde implantaram grandes aldeões. Entretanto, mesmo vivendo em áreas abertas ou aldeias, nunca deixaram de visitar os abrigos naturais ou cavernas, as antigas moradias, pois sempre souberam respeitar e reverenciar a memória dos antepassados.

O futuro chegou com a rapidez de um relâmpago, com sua ideologia economicista, passou sobre nossa ancestralidade como um rolo compressor. Todos foram e são estereotipados na forma de vários preconceitos. Até o título de preguiçoso nos cunharam, simplesmente porque não aceitávamos, e não aceitamos até hoje, o regime da escravidão. Segmentos da sociedade, os fiéis mensageiros de Jurupari, procuram marginalizar meus antepassados de várias maneiras, incluindo o uso da força. E por isso, muitos tiveram que refugiar nos rincões mais escondidos e inacessíveis desta terra.

Entretanto a cultura e sua identidade com a terra eram tão fortes que, mesmo deixando somente rastros, ficaram profundas heranças das inúmeras gerações na cultura do povo que foi se formando e mais tarde recebeu o nome de brasileiro. E, se tiverem a honestidade de olhar além das aparências, verão que não somente os brasileiros, mas muitos outros povos incorporaram no seu viver cotidiano elementos que os indígenas lhes legaram.

Assim aconteceu com o feijão, por exemplo, tão apreciado como alimento desde o Brasil até o Texas; Esse vegetal é uma planta da família *leguminosae* que foi domesticada pelos meus ancestrais da mesma forma que domesticaram o abacate, o abacaxi, o

tomate, o pimentão e a pimenta, plantas estas que foram muito disseminadas mundo afora.

Também domesticaram o tabaco, planta da família solanácea e a usavam em rituais para amenizar as dores e situações de estresse, da mesma forma que meus irmãos do altiplano andino usavam e ainda usam a coca para amenizar efeitos da altitude e evitar a labirintite causada pela escassez de oxigênio. A sociedade que se formou, cujos valores são modelados pela conhecida civilização ocidental de origem europeia e arábica, aproveitou essas plantas e deu a elas outras formas de uso.

Os irmãos mexicanos criaram o milho, cruzando dois tipos de gramíneas nativas. Este cereal irradiou com tamanha força e sucesso entre todos os meus ancestrais das Américas. E hoje, movimenta parte da economia mundial.

Algumas das bebidas, cremes e doces que também meus ancestrais utilizavam, e alguns de seus descendentes ainda utilizam, alcançaram mercados mundiais, como o guaraná, bebida energética e refrescante, os cremes das palmeiras Açai, Patauá, Bacaba, Buriti etc., aos quais atribuíam o nome de sembrebeba. O creme de Cupuaçu, as Castanhas do Pará, do Caju, do Baru, do Pequi, dos Amendoins etc. fazem parte de uma imensa listagem dessa contribuição.

Um dos nossos cremes ficou tão famoso que o mundo até esquece sua origem indígena. Trata-se do creme da amêndoa do cacauero, planta nativa das florestas equatoriais, cujo doce hoje em dia é o mais apreciado da Terra, isso porque os europeus se apossaram desse creme e nele adicionaram o leite taurino, dando origem ao chocolate. Os indígenas ensinaram ao mundo a usar o látex da seringueira, planta nativa do ecótono Amazônia e Cerrado. Hoje essa matéria prima movimenta desde os corpos das pessoas, pelos solados dos sapatos, até caminhões e aviões, pelos pneus.



Também domesticaram batatas, inhames e mais de trezentas raças de mandioca, que hoje é alimento importante na vida de muita gente. Ensinaram a consumi-la cozida ou assada e a processá-la na forma de tapioca, polvilho, crueira, puba, beijus, e dela fizeram o primeiro alimento desidratado da história da humanidade: a farinha.

Ensinaram aos novos colonizadores a consumirem muitas plantas nativas para saciarem a fome e curarem certas doenças. Assim, a sociedade aprendeu a consumir a Mangaba, o Caju, o Pequi etc., a beber o chá da Douradinha e da Congonha-do-Campo, e a curar a malária usando a entrecasca do Quinino.

Muitos outros segredos vegetais conseguiram ensinar ao novo colonizador que hoje os incorporou na farmacopeia universal. Entretanto, muitos ainda estão guardados com o pouco que restou dos indígenas, não por egoísmo, mas porque a sociedade que se formou nunca se importou em conhecê-los para o benefício de toda a humanidade. Mas os mensageiros de Jurupari conseguem esses conhecimentos para uso comercial e empresarial, na forma como a sociedade designa de biopirataria.

Este é o resumo da minha e da nossa trajetória indígena. Não sei quantas línguas desapareceram. Sei somente que sou o único sobrevivente de um grande massacre que ainda fala a antiga língua que era do meu povo Akroá. Vivo refugiado, solitário nas escarpas de uma serra. Era jovem quando os mensageiros de Jurupari chegaram à minha aldeia. Não pude suportar tamanha dor e sai correndo feito um caititu espantado. Quando olhei para trás, ainda pude enxergar por entre os galhos, minha graciosa rede de buriti.

Os meus outros irmãos indígenas, que hoje tentam viver em aldeias, devem ter organizado mais de uma vez a sua sociedade e a sua cultura com os restos que salvaram do impacto, readaptando-os de acordo com as novas condições e necessidades.

Tudo que meus irmãos indígenas ensinaram aos mensageiros de Jurupari eram coisas verdadeiras e úteis. Em contrapartida, quase tudo que nos falaram e prometeram eram falsidades e mentiras. Digo quase tudo, porque sei que nem todos são mensageiros de Jurupari.

Apenas uma verdade eu e meus irmãos aprendemos com os mensageiros e que, por incrível coincidência, se assemelha à história que meu povo contava sobre Jurupari e que pode ser resumida numa única frase: o Diabo, quando não vem, manda o secretário.



Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq. Pesquisador da Unievangélica de Anápolis. Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri

Foto: Marcos Lotufo



UM PAR DE SANDÁLIAS PARA O PEREGRINO

Pedro Tierra

Um par de sandálias para o peregrino.
Seja quem for o peregrino que nos vem.
Um par de sandálias para proteger-lhe
os pés da áspera pedra dos caminhos.
Rústicas. Recortadas em couro e utopias.
Trabalhadas pelas mãos de perseguidos
que lavram, na sombra, a frágil matéria dos dias.

(Na larga história do tempo
a noite, sem saber, foi condenada
ao círculo perfeito da agonia:
mãe e coveira da manhã anunciada.)

Recolhemos sonhos, dores, esperanças,
polimos penas, tormentos, fúrias
e o impulso elementar de liberdade
que orientam os passos desse estranho peregrino.

Buscam o martírio? O martírio não se busca,
se vive. Como se vive
"la muerte que da sentido a mi vida..."
Percorrerão o pó dos caminhos,
a vasta geografia do drama urdido
pelos filhos de êxodo e da miragem.

Por nossas mãos que trabalharam
o couro, a borracha, as fivelas,
a fugitiva parcela de sonhos que cultivamos.
As sandálias do peregrino vão palmilhar
os desertos da alma, a impossível alegria do povo
para oferecer o bálsamo da palavra
e, quem sabe, os leites minados da lua
para nutrir como seiva
a esperança que nos mantém pulsando.
E para repetir com ele:
"me atengo a lo dicho: la esperanza".



(Poema recuperado de uma carta manuscrita a meu irmão fr. Airton Pereira OP. Provavelmente enviada do Carandiru, 1974). **Pedro Tierra.**

DE QUE LADO VOCÊ ESTÁ?

COLOCANDO VIDAS
EM RISCO



SALVANDO
VIDAS

SALVE VIDAS! USE MÁSCARA.

Nossa cidade possui suas primeiras vítimas. Não vai querer que a próxima seja você ou alguém da sua família, vai?



PREFEITURA
FORMOSA



PLANALTO CENTRAL



DO GENOCÍDIO DOS VALENTES GOYÁ

Iêda Vilas-Bôas

Não foi mito, nem lenda, foi história.

Oré 'angar-aûsup-a (ba)-pe T-ur-i (Por amar nossa alma veio).

Aqui, no Centro-Oeste, no coração do país, vivia um povo valente, digno e destemido, os GOYÁ, de quem herdamos o nome do nosso estado Goiás e o adjetivo pátrio goiano.

De repente, chegaram! As Bandeiras e seus cruéis bandeirantes, colocando fogo em álcool, iludindo os povos originários, dizendo que iam colocar fogo nos rios... lá pelos anos 1600. Chegaram buscando trabalho escravo, ouro e pedras preciosas.

O Anhanguera (Bartolomeu Bueno da Silva) trouxe também a coisa que cuspiu fogo, que abria buraco nos Goyá, que sangrava e matava.

*"Anhanguera é o Diabo Velho
Caratonha verde-crua,
Que tem um olho de sol
E outro, branco, como a lua."*

Sumé era o cacique e enfrentava, juntamente com seu povo, os bandeirantes e outros povos indígenas. Era uma guerra contra os homens brancos e barbados que matavam com seu trovão. Sumé estava velho e prestes a fazer a viagem, mas relutava contra a morte, pois via a perseguição que os povos indígenas enfrentavam.

O sertão já não era mais seguro, o povo Goyá primeiro adentrou para o norte e fez paragens por estas terras formosas (Formosa-Goiás). Entretanto, aqui também chegaram os bandeirantes e houve guerra entre tribos diferentes pela ocupação de espaço. Assim, os Goyá fugiram em direção ao grande lago salgado, mas ali também seu povo foi alcançado.

Sumé tentou a paz, quis fazer acordo. Chamou caciques de outros povos e propôs receber os invasores com amizade, mas que tivessem desconfiança. Sumé Goyá fez sua passagem. Foi feita uma bela despedida com cantos fúnebres e rituais, e ele foi colocado numa grande urna de barro e enterrado ao pé da Serra das Araras.

Seu filho, Apú Goyá, desobedeceu às ordens do falecido Sumé. Fez alianças com outros povos. Casou-se com uma moça muito bonita de uma tribo inimiga e selou um pacto de guerra contra os forasteiros.

Apú foi deposto do cargo de cacique dos Goyá, e assumiu seu lugar o outro filho: Goiá; este fez o que o pai pediu: recebeu Anhanguera dentro da linha de amizade e muita coisa aconteceu.

Muitas luas se passaram e Goiá foi morto em emboscada por tribos inimigas, sua esposa se casou com o traidor e começou a mistura: Pedro Juraci, mameluco, deixado por Anhanguera para dar informes, assumiu a liderança. Essa falsa amizade custou muito ao povo Goyá. Suas terras foram tomadas, os jovens escravizados, as moças violentadas, os anciãos deixados à própria sorte.

Essa história serve para lembrar a todos nós que precisamos adquirir coragem e resistência. Que a força de Arandu Arakuaa nos dê sabedoria e garra, porque o Povo Goyá se findou, mas outros povos indígenas enfrentam o atual Anhanguera: O Covid-19.



Iêda Vilas-Bôas –
Escritora.

Este texto foi escrito tendo por base o livro: NAVARRO, E. A. *Dicionário de Tupi Antigo: a Língua Indígena Clássica do Brasil*. São Paulo. Global. 2013. p. 448.



CHICO BALANCEADO

Lúcia Resende

Conheço como Chico Balanceado, mas há quem chame de Manezinho Araújo. Se há algum Francisco ou Manoel nessa história, não sei. Também não sei como e onde surgiu esta sobremesa. Eu aprendi com uma paranaense, mas os gaúchos dizem que é coisa do Rio Grande. Só posso atestar que é simples e muito saborosa e que aqui em casa é um coringa: tem banana sobrando, hora de fazer Chico Balanceado!

INGREDIENTES

Creme
1 lata de leite condensado
3 latas de leite
3 gemas (reserve as claras para o merengue)
2 colheres de amido de milho (não muito cheias)

Merengue
3 claras
3 colheres de açúcar refinado
1 colher de chá de suco de limão

Doce
6 bananas
1 ½ xícara de açúcar
3 xícaras de água

MODO DE FAZER

Caramelize o açúcar, acrescente a água e deixe ferver até formar uma calda em ponto de fio. Junte as bananas cortadas em rodela não muito finas, misture e deixe ferver rapidamente. Despeje em uma vasilha de vidro temperado.

Em uma panela, coe as gemas, junte o leite condensado, o leite e o amido de milho. Misture bem e leve ao fogo até cozinhar o creme. Despeje sobre o doce de bananas.

Por último, bata as claras em neve, acrescente aos poucos o limão e o açúcar, sempre batendo, até misturar tudo muito bem. Em seguida, com uma colher, vá colocando o merengue sobre o creme e ajeitando, até preencher toda a superfície. Com a própria colher, vá levantando picos de neve. Leve ao forno pré-aquecido até dourar. Deixe esfriar e leve para gelar.

Obs.: No lugar da banana, pode-se usar outro tipo de fruta, por exemplo abacaxi, morango, pêssego ou outra de sua preferência.



Lúcia Resende
Professora

 @mluciares

De cachorros

Manoel de Barros

Biguá passeava no corixo, arregaçando água.
Fazia avenida de tarde, o valsante!
Cachorro observa das margens, com olho gordo.
Biguá costura o rio na frente do cachorro.
Desliza de leve, remenda água de baixo pra cima. Desfila.
Cachorro espicha o olho úmido. E súbito pula sobre a ave.
Biguá mergulha e aparece do outro lado.
Cachorro se desgoverna.
Biguá mergulha de novo. Aparece mais longe. Dá adeusinho.
Cachorro volta sem graça, rabo entre as pernas.
Biguá se despede. Sobe no sarã.
Cachorro desiste humilde.
Biguá se desfralda no sarã. Toma porre de sol.



Manoel de Barros – Escritor, em "Livro de Pré-Coisas", Editora Record, 1985.





ROSILENE CORRÊA: MESTRA DE TANTA LUTA

Jaime Sautchuk

Ser filha de fazendeiro rico no interior é esperança de vida boa, de muita prosperidade. Com a professora Rosilene Corrêa Lima foi assim, no começo. Ela nasceu na pequena Petrolina de Goiás, a 50 km da capital, Goiânia, área nobre da agropecuária do estado, onde seu pai era um dos maiores fazendeiros, na década de 1960.

Antes dela, que era a mais nova, tinham vindo cinco irmãos e todos desfrutavam de grande prestígio nas atividades escolares ou nos eventos

da cidade, de um modo geral. Ela era a princesinha da casa e fazia o papel de dama de honra em todos os casamentos que se realizavam nas rodas da alta sociedade local. Tinha tudo pra ser uma vida de prosperidade, mas a história não foi bem assim.

Uma trajetória de muito sacrifício e muita garra teve início, em verdade, quando ela, menina de seus 10 aninhos, viu o desespero de seu pai e sua mãe diante da falência. A entrega das terras, com pasto e lavouras formadas, patrimônios refinados,

foi seguida de tristeza e desencanto num ranchinho de taipa nas paredes e sapê na cobertura, com chão de terra batida e sem luz elétrica, no distante município de Niquelândia, nortão goiano.

Por um bom período, o pai de Rosilene a levava até a cidade à noite, pra que ela seguisse seus estudos com turmas de adultos. Um ano e pouco e nem isso deu mais pra seu pai fazer, de modo que ela passou a ficar em casa, sem estudar. Foi ela mesma, contudo, quem sugeriu a possibilidade de ir morar com uma tia em Anápolis, onde voltaria a estudar e arranjaria serviços pra auxiliar no seu sustento.

Com 13, então, ela foi morar em Anápolis, com a tia, voltando a estudar à noite, em turmas de adultos. Seus irmãos ficaram na roça, na colheita de feijão e outros serviços sazonais. Ela dedicava seus dias a serviços domésticos, em que tirava dinheiro pra comprar roupas, material escolar e sobreviver, enfim. Ainda na casa dos pais, coletou restos de feijão e vendeu em litros, o que viabilizou a compra do primeiro caderno de dez matérias.

Assim, pensando no lado profissional, em turma só de mulheres, cursou Magistério, mas logo pegou gosto pela profissão, a ponto de hoje dizer que “se eu não fosse professora, eu seria professora”. E a educação já estava incrustada na sua vida, pois foi este o caminho que lhe foi aberto pra que buscasse uma vida menos sofrida do que aquela do sítio de Niquelândia.

O fato é que, assim, ao decidir encarar um dos poucos cursos superiores que havia na cidade, então, optou por Pedagogia, consolidando a escolha pela profissão. Aos 18 anos foi morar com outra tia em Alexânia, cidade que fica no meio do caminho dali a Brasília, mas todas as noites ia de ônibus até Anápolis.

E logo aprendeu, também, que a escola chega muito além daqueles muros e paredes que costuma ter, pois “é o espaço mais vivo e mais alegre que a gente pode ter”. E arremata: “É impossível ser educadora se não tiver uma relação intensamente humanizada com seus alunos, porque você acompanha, você trabalha o ano inteiro com as mesmas pessoas, o que vai além da escola. Mesmo sem conhecer pessoalmente a família, você acaba conhecendo, porque o aluno traz ela pra gente”.

Como forma de reforçar esse sentimento, Rosilene relembra um dos momentos que ela considera mais emocionantes da sua carreira de professora. Foi com um aluno da 2ª série, que era meio estranho, indisciplinado, difícil de lidar e que, por isso tudo, causava muita preocupação, até o dia em que ele chegou correndo e se agarrou em seu pescoço, perguntando:

– Tia, você quer ser minha mãe?

Ela foi investigar e descobriu que ele tinha problemas de família muito sérios, o que refletia na sua vida na escola. Da mesma forma, não há como não se emocionar com o senhor de 78 anos, que ela conheceu em um projeto de alfabetização

de adultos, que explode de alegria ao ver que sabia escrever seu próprio nome e o nome de seu filho, num processo de aprendizagem muito rico, pois, nessa idade, ele sente que não sabia e está aprendendo, diferente das crianças, que estão num processo normal de aprendizado.

Ainda na juventude, em 1988, Rosilene foi morar em Taguatinga, no Distrito Federal. Acabou se fixando em Santo Antônio do Descoberto, ali perto, mas em território goiano, pois ela, aos 23 anos de idade, já era funcionária concursada do governo estadual, como professora. Logo depois, houve uma greve do magistério estadual e ela acabou liderando o movimento ali, sob a coordenação do sindicato de Luziânia.

Mas logo ela ficou grávida de sua filha e se transferiu pra Cidade de Goiás, antiga capital, onde fez o parto e engravidou novamente, o que a manteve afastada das escolas e sindicatos. Mas acabou indo bater de novo, de malas e cuias, no Distrito Federal, e logo fez um concurso da Secretaria de Educação local. Aprovada, assumiu a função de professora em 1993, e por ali ficou.

Logo em seguida entrou numa chapa e virou diretora do Sindicato dos Professores do DF (SinproDF), o que a levou, também, à direção da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). No Sinpro, acaba se envolvendo em atividades de todo o DF, pois a entidade é uma referência dos movimentos populares e, por isso, demandada a todo instante. Mas Rosilene acha isso muito bom, pois faz parte da luta pela Educação gratuita a todos.

É crítica severa das recentes políticas federais relacionadas à Educação, a começar pela medida do governo de Michel Temer, que assumiu após o golpe de 2016, que congela os recursos da Educação por 20 anos. “Isso é um absurdo, congelar investimentos de um setor que já vinha com dificuldades”, reclama ela. E diz que o atual governo federal resolveu jogar pesado pra reduzir os investimentos no ensino superior e assim retirar os pobres das universidades.

Após 34 anos de serviços, Rosilene está aposentada e divorciada, mas segue como dirigente sindical. Mudou-se com a filha e o filho pra uma casa alugada no bairro de Vicente Pires, onde pode cuidar do casal de cachorros que todos adoram. E agora espera com ansiedade o primeiro neto, que está a caminho.



Jaime Sautchuk – Jornalista.
Editor da Revista Xapuri.



“UM SALVE A TODOS OS POVOS INDÍGENAS
E AOS E ÀS INDIGENISTAS
QUE LABUTARAM E LABUTAM
EM DEFESA DA POPULAÇÃO INDÍGENA BRASILEIRA.”

HUGO MEIRELES HERINGER – INDIGENISTA

BANCÁRIOS E BANCÁRIAS JUNTO COM O POVO XAVANTE
NA LUTA PARA SALVAR VIDAS!

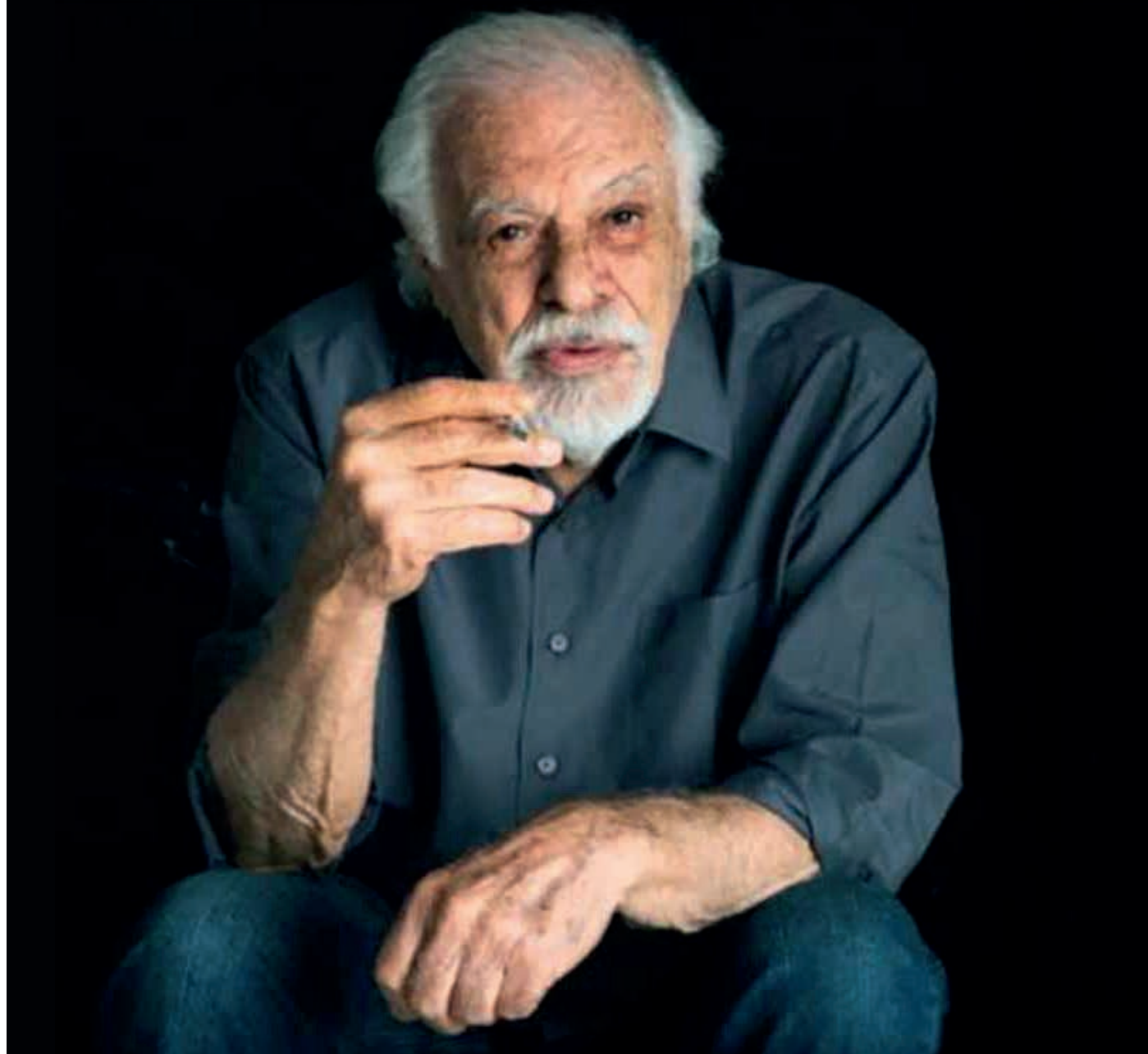


SÉRGIO RICARDO

NO TEATRO AMAZONAS COM THIAGO DE MELLO

José Ribamar Bessa Freire

Foto: divulgação



**“– Se entrega, Corisco
– Eu não me entrego não / não
me entrego ao tenente
Não me entrego ao capitão
Eu me entrego só na morte de
parabelo na mão.”**

Sérgio Ricardo e Glauber Rocha:
Deus e o Diabo na Terra do Sol

Foi um dia qualquer de fevereiro de 1978. O poeta Thiago de Mello, que acabara de chegar a Manaus, veio almoçar em minha casa na Rua 3 da Cohab-Am do Parque Dez, trazendo a tiracolo o cantor Sérgio Ricardo.

Os dois, em turnê pelo país, iriam apresentar no Teatro Amazonas o show *Faz Escuro Mas Eu Canto*, que havia estreado no Teatro Opinião do Rio sob a direção de Flávio Rangel. Um declamava e o outro cantava aquelas canções de protesto que haviam conseguido burlar a censura.

Com Thiago, havíamos atravessado juntos a fronteira do Uruguai rumo ao exílio. Mas o Sérgio Ricardo eu não conhecia pessoalmente, só de fama. Ele era o autor de músicas admiráveis, especialmente das trilhas sonoras do filme de Glauber Rocha *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e da peça de Joaquim Cardoso *Coronel de Macambira*, encenada por Amir Hadad no Teatro Universitário Carioca do Rio. Além de alcançar certa “celebridade” no Festival da Record, ao quebrar o violão no palco e atirá-lo na plateia.

Na época não se usava ainda o verbo tietar, mas já se tietava, Tive de me conter e disfarçar o deslumbramento, ao ver entrar em minha casa, num bairro periférico de Manaus, o cantor e cineasta

corajoso e lúcido, comprometido com as lutas sociais, cuja figura era agora enriquecida no plano pessoal pela manifestação de ternura à minha filha Maria que, com pouco mais de três anos e com um “n” a menos, lhe lembrava sua filha Marina, da mesma idade, de quem confessou estar morrendo de saudades.

VOU RENOVAR

Convivemos alguns dias. Com o poeta Luiz Bacellar e a jornalista Ana Helena, mãe do Thiaguinho, servimos de “cobaia” no ensaio realizado no palco do Teatro Amazonas, um teste para ver o que funcionava e o que devia ser modificado.

Tudo funcionou naquela noite de gala do Teatro Amazonas. O espetáculo, uma manifestação artística e política de resistência à ditadura, foi dedicado ao ex-ministro da Educação do governo Goulart, Darcy Ribeiro, ali presente em carne e osso. Foi uma feliz coincidência ele estar de passagem por Manaus, ministrando um curso a indigenistas e agentes de pastoral. Em um camarote de honra – lugar, aliás, que adorava ocupar –, Darcy foi ovacionado pelo público. Saudades dos tempos em que um ministro da Educação tinha a dita cuja, além de experiência no ramo e compromisso com os saberes.

O público formado em sua maioria por estudantes e ex-estudantes foi particularmente caloroso e acompanhou o show com entusiasmo. Thiago recitou seus poemas intercalados por músicas cantadas por Sérgio Ricardo, algumas que ficaram na minha lembrança: Sina de Lampião, Semente, Canto Americano e Calabouço, inspirada no estudante paraense Edson Luís, assassinado numa passeata no Rio de protesto contra o fechamento do restaurante estudantil:



Foto: divulgação



Foto: divulgação

*Cala o peito, cala o beijo
Calabouço, calabouço
Olha o vazio nas almas
Olha um brasileiro de alma vazia.*

O final foi apoteótico, o público aplaudia de pé e cantava o estribilho “Vou renovar”.

Não lembro se *Flicts* fez parte do repertório do show no Teatro Amazonas, creio que não, nem sei se naquela altura Sérgio Ricardo já havia sido convidado por Ziraldo para musicar todo o seu livro que encanta as crianças nas vozes do MPB-4 e do Quarteto em Si. Sérgio Ricardo também cantarolava:

*Quando volta a primavera
E o jardim e o parque
Se cobrem de cores
Mas nenhuma cor ou ninguém
Quer brincar
Com o pobre Flicts*

DE VIOLÃO NA MÃO

Sérgio Ricardo brincou com *Flicts* e deixou algumas sementes em Manaus, adubadas por um menino amazonense, Paulinho Kokai, hoje professor na Universidade Federal de Goiás:

“Eu tinha 11 anos quando recebi convite do meu tio para ir ao Teatro Amazonas assistir ao recital do poeta Thiago de Melo, que eu ainda não sabia quem era. Como nunca havia entrado no Teatro Amazonas, fiquei deslumbrado com a beleza daquele santuário, que não ofuscou o espetáculo de poesia e música. Sim, além dos poemas de Thiago, apresentava-se Sérgio Ricardo. “Se entrega Corisco! Eu não me entrego não!”. Lembro bem do refrão cantado pelo teatro inteiro. Aquele momento ficou gravado na minha memória. Acredito que ali despertou minha alma de artista.”

Paulinho Kokai, que virou mesmo artista e cantou muitos anos nos bares da vida na noite manauara, continuou:

“Sergio Ricardo marcou minha vida. As canções fortes e intensas, a personalidade marcante, me impressionaram. Mais tarde, já maduro, assisti os filmes de Glauber Rocha, os quais tinham na trilha as canções inesquecíveis da minha infância. Também assisti muitas vezes a icônica imagem dele quebrando o violão durante o festival da Record, irritado com o público que o vaiava. Eu o seguia nas redes sociais e celebrei até mesmo seu último aniversário no dia 18 de junho, quando muitas pessoas mostraram seu afeto por ele.”

O cantor, compositor, cineasta e artista plástico Sérgio Ricardo, 88 anos, nunca se sujeitou nem ao tenente nem ao capitão, sequer ao Covid-19 que contraiu e do qual se curou sem cloroquina. Mas o coração não aguentou. Vítima de insuficiência cardíaca, ele se entregou, finalmente, à morte nesta quinta-feira (23), de violão na mão, que era sua arma de luta. Ficaram a sua música, sua história, sua lição de vida e a lembrança desse mundo errático:

*Tá contada a minha estória
Verdade e imaginação
Espero que o sinhô
Tenha tirado uma lição
Que assim mal dividido
Esse mundo anda errado
Que a terra é do homem
Num é de Deus nem do Diabo (bis)*



José Ribamar Bessa Freire –
Escritor. Gestor do site www.taquiprati.com.br

ORQUÍDEAS: NADA DE VENENO, USE CANELA!

Lúcia Resende

A canela é uma especiaria obtida a partir da casca interna de várias espécies de árvores do gênero *Cinnamomum*, da família *Lauraceae*, com largo uso na culinária desde sempre, seja em pratos doces ou salgados.

A palavra “canela” deriva do latim *cannella*, diminutivo de *canna* (tubo, cano), isso porque as cascas, quando secas, se enrolam como tubinhos, a famosa canela “em pau”, lembra?

Suas propriedades são amplamente difundidas, seja como acelerador do metabolismo, seja como anticoagulante (por esta razão não pode haver consumo exagerado) ou antioxidante. Já diziam nossas avós: “canela queima gordura e é boa pro cérebro e pro coração”.

Mas o que minhas avós não me disseram – e aprendi muito mais tarde – é que canela é milagrosa no cultivo de orquídeas, prática que mantenho há quase três décadas.

Pois bem, quer ver suas orquídeas saudáveis, com floração contínua e vigorosa? Use canela! Além de estimular a floração, ela age como um poderoso bactericida e fungicida.

COMO USAR

A cada 15 dias, faça um chá, com 1 colher de sopa de canela moída e 2 litros de água. Deixe esfriar, coe e pulverize as orquídeas. Com duas ou três aplicações, a diferença será notável.

A cada 60 dias, espalhe sobre o substrato da orquídea um pouco de canela em pó (aproximadamente uma colher de café por vaso).

Se notar que uma planta está com alguma folha ou bulbo doente, corte e passe canela em pó diretamente no local do corte, deixando sem molhar por uns três dias.

Obs.:

1. Pode acrescentar alguns cravos-da Índia ao chá, pois ele afastará as formigas!
2. No inverno, aumente o intervalo, pois as plantas precisam descansar...



Lúcia Resende
Professora
 @mluciares



A HUMANIDADE QUE PENSAMOS SER

Ailton Krenak

Foto: divulgação/Alberto César Arcújo/Amazônia Recl

Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu?

Houve um tempo em que o planeta que chamamos Terra juntava os continentes numa grade Pangeia. Se olhássemos lá de cima do céu, tiraríamos uma fotografia completamente diferente do globo.

Quem sabe se, quando o astronauta Iuri Gagarin disse “a Terra é azul”, ele não fez um retrato ideal daquele momento para essa humanidade que pensamos ser. Ele olhou com o nosso olho, viu o que a gente queria ver.

Existe muita coisa que se aproxima mais daquilo que pretendemos ver do que podia constatar se juntássemos as duas imagens: a que você pensa e a que você tem. Se já houve outras configurações da Terra, inclusive sem a gente aqui, por que é que nos apegamos tanto a esse retrato com a gente aqui?

O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno.

Essa configuração mental é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo – várias gerações se sucedendo, camadas de desejos, projeções, visões, períodos inteiros de ciclos de vida dos nossos ancestrais que herdamos e fomos burilando, retocando, até chegar à imagem com a qual nos sentimos identificados.

É como se tivéssemos feito um *photoshop* na memória coletiva planetária, entre a tripulação e a nave, onde a nave se cola ao organismo da tripulação e fica parecendo uma coisa indissociável. É como parar numa memória confortável, agradável, de nós próprios, por exemplo, mamando no colo de nossa mãe: uma mãe farta, próspera, amorosa, carinhosa, nos alimentando *forever*.

Um dia ela se move e tira o peito da nossa boca. Ai, a gente dá uma babada, olha em volta, reclama porque não está vendo o seio da mãe, não está vendo aquele organismo materno alimentando toda a nossa gana de vida, e a gente começa a estremecer, a achar que aquilo não é mesmo o melhor dos mundos, que o mundo está acabando e a gente vai cair em algum lugar.

Mas a gente não vai cair em lugar nenhum, de repente o que a mãe fez foi dar uma viradinha para pegar um sol, mas como estávamos tão acostumados, a gente só quer mamar.



Ailton Krenak – Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em “Ideias para adiar o fim do mundo”. Companhia das Letras. 2019.

VAN GOGH FALA DO AMOR NECESSÁRIO

Leonardo Boff

Vivemos atualmente tempos sombrios de muito ódio, ausência de refinamento e especialmente falta de amor.

A história não é retilínea nem a própria evolução do universo. Passa-se da ordem (cosmos) para a desordem (caos), do sim-bólico (o que une) para o dia-bólico (o que separa), das sombras para a luz, do *thánatos* (as negatividades da vida) para o *eros* (as excelências da vida) e do Cristo para o Anti-Cristo.

Tais antíteses não são deformações da realidade, mas a condição de todas as coisas pelo simples fato de que não somos Deus, mas criaturas sempre limitadas. Somos ontologicamente, não moralmente, seres decadentes.

Nesse sentido, há momentos de predominância da ordem, da harmonia social, da convivência inclusiva, que representam o *eros*. Em outros, predomina o *thánatos*, a dimensão de morte, de ódio e de dilaceração.

Observe-se que os dois momentos sempre vêm juntos e estão simultaneamente presentes, em proporções diferentes, em todos os momentos e circunstâncias.

Atualmente, em nível mundial e nacional, vivemos pesadamente a dimensão do *thánatos*, do dia-bólico e da sombra. Há guerras no mundo, racismo, fundamentalismo, fazendo incontáveis vítimas, ascensão entre nós do autoritarismo e do populismo, que são disfarces do despotismo. Como se tudo isso não bastasse, estamos sob a intrusão do Covid-19, fruto da sistemática agressão humana contra a natureza (antropoceno) e do contra-ataque que ela nos está movendo, pondo de joelhos e impotentes o capitalismo e os países militaristas com sua máquina de matar a todos.

Todos os caminhos religiosos e espirituais conferem centralidade ao amor. Nem precisamos referir-nos a Jesus, para quem o amor é tudo, ou ao texto de incomparável beleza e verdade de São Paulo na primeira Carta aos Coríntios, no capítulo 13: "o amor nunca acabará... no presente permanecem estas três: a fé, a esperança e o amor, porém a mais excelente é o amor" (13.8.13).

Cito um texto pouco conhecido de Thomas Kempis sobre o amor, da *Imitação de Cristo*, de 1441, o livro mais lido na cristandade depois da Bíblia. Como canto de cisne de minha atividade teológica por mais de 50 anos, o retraduzi do latim medieval, superando-lhe, contudo, os dualismos típicos da época. Ei-lo:



Pinrtura: Van gogh. Doze Girassóis numa Jarra. 1880

"Grande coisa é o amor. É um bem verdadeiramente inestimável que por si só torna suave o que é penoso e suporta sereno toda a adversidade. Porque leva a carga sem sentir o peso, torna o amargo doce e saboroso... O amor deseja ser livre e isento de amarras que lhe impedem amar com inteireza. Nada mais doce do que o amor, nada mais forte, nada mais sublime, nada mais profundo, nada mais delicioso, nada mais perfeito ou melhor no céu e na terra... Quem ama, voa, corre, vive alegre, sente-se libertado de todas as amarras. Dá tudo para todos e possui tudo em todas as coisas, porque para além de todas as coisas, descansa no Sumo Bem do qual se derivam e procedem todos os bens. Não olha para as dádivas, mas eleva-se acima de todos os bens até Àquele que os concede. O amor muitas vezes não conhece limites pois seu fogo interior supera toda a medida. De tudo é capaz e realiza coisas que

quem não ama não compreende, quem não ama se enfraquece e acaba caindo. O amor vigia sempre e até dorme sem dormir... Só quem ama compreende o amor" (livro III, capítulo 5).

Em momentos dolorosos em que vivemos e sofremos, precisamos resgatar o mais importante e que verdadeiramente nos humaniza: o simples amor. Quase todos nos sentimos carentes dele. Mas sem ele nada de grande, de memorável e de heroico foi construído na história. É o amor que faz com que tantos médicos e médicas, enfermeiros e enfermeiras, e todos os que trabalham contra o Covid-19 sacrifiquem suas vidas para salvar vidas, sendo que muitos deles por isso são vitimados. Eles nos confirmam a excelência do amor incondicional.

Testemunhos das ciências da vida, da arte e da poesia corroboram com o que proclamam as religiões.

Comoventes são as palavras do genial pintor Vincent van Gogh, em carta ao seu irmão Théo: "É preciso amar para trabalhar e para se tornar um artista, um artista que procura colocar sentimento em sua obra: é preciso primeiro sentir-se a si próprio e viver com seu coração... É o amor que qualifica nosso sentimento de dever e define claramente nosso papel... o amor é a mais poderosa de todas as forças" (*Lettres à son frère Théo*, Galimard 1988, 138, 144). A. Artaud, que fez a introdução às cartas de van Gogh, diz que ele se recusou a entrar nessa sociedade fria, indiferente e sem amor: "ele foi um suicida da sociedade".

Consideremos o que testemunham os estudos sobre o processo cosmogênico e da nova biologia. Mais e mais fica claro que o amor é um dado objetivo da realidade global e cósmica, um evento bem-aventurado do próprio ser das coisas, nas quais nós estamos incluídos.

Exemplo disso é o que escreveu James Watson que, junto com Francis Crick, descodificou em 1953 a dupla hélice do código genético:

"O amor pertence à essência da nossa humanidade. O amor, esse impulso que nos faz ter cuidado com o outro foi o que permitiu a nossa sobrevivência e sucesso no planeta. É esse impulso, creio, que salvaguardará nosso futuro... Tão fundamental é o amor à natureza humana que estou certo de que a capacidade de amar está inscrita em nosso DNA; um São Paulo secular diria que o amor é a maior dádiva de nossos genes à humanidade" (J. Watson. DNA: o segredo da vida, Companhia das Letras, São Paulo 2005 p. 433-434).

Os biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela mostraram a presença cósmica do amor. Os seres, mesmo os mais originários como os topquarks, dizem eles, se relacionam e interagem entre eles espontaneamente, por pura gratuidade e alegria de conviver. Tal relação não responde a uma necessidade de sobrevivência. Ela se instaura por

um impulso de criar laços novos, pela afinidade que emerge espontaneamente e que produz o deleite. É o advento do amor.

Desta forma, a força do amor atravessa todos os estágios da evolução e enlaça todos os seres dando-lhes irradiação e beleza.

O amor universal realiza o que a mística sempre intuiu acerca da gratuidade da beleza: "a rosa não tem por quê. Ela floresce por florescer. Ela não cuida dela mesma nem se preocupa se a admiram ou não" (Angelus Silesius). Assim o amor, como a flor, ama por amar e floresce como fruto de uma relação livre, como entre duas pessoas enamoradas e apaixonadas.

Bem expressou esta experiência Fernando Pessoa, em *Poemas de Alberto Caieiro*: "Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é, / Mas porque a amo, e amo-a por isso, / Porque quem ama nunca sabe o que ama / Nem sabe por que ama, nem o que é amar / Amar é a eterna inocência" (*Obra poética*, Aguilar 1974, p.205)

Pelo fato de sermos humanos e autoconscientes, podemos fazer do amor um projeto pessoal e civilizatório: vivê-lo conscientemente, criar condições para que a amorização aconteça entre os seres humanos e com todos os demais seres da natureza, até com alguma estrela do universo.

O amor é urgente no Brasil e no mundo. Com realismo nos deixou Paulo Freire, tão caluniado pelos propulsores do ódio e da ignorância, esta missão: forjar uma sociedade onde não seja tão difícil o amor. Educar, dizia ele, é um ato de amor.

Digamo-lo com todas as palavras: o sistema mundial capitalista e neoliberal não ama as pessoas. Ele ama o dinheiro e os bens materiais; ele ama a força de trabalho do operário, seus músculos, seu saber, sua produção e sua capacidade de consumir. Mas ele não ama gratuitamente as pessoas como pessoas, portadoras de dignidade e de valor. O que nos está salvando neste momento de intrusão do Covid-19 são exatamente os valores que o capitalismo nega.

Pregar o amor e dizer: "amemo-nos uns aos outros como nós mesmos nos amamos", é revolucionário. É ser anti cultura dominante e contra o ódio imperante.

Há de se fazer do amor aquilo que o grande florentino Dante Alighieri escreveu no final de cada cântico da Divina Comédia: "o amor que move o céu e todas as estrelas"; e eu acrescentaria, amor que move nossas vidas, amor que é o nome sacrossanto do Ser que faz ser tudo o que é e que é a

Energia sagrada que faz pulsar de amor os nossos corações.



Leonardo Boff - Ecoteólogo. Filósofo. Escreveu: "Covid-19: a Mãe Terra contra-ataca a humanidade", a sair pela Editora Vozes em breve.



OBÁ:

A DEUSA QUE VENCE QUALQUER BATALHA!

Iêda Vilas-Bôas
Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno

Deusa guerreira e justiceira, que pune os homens que maltratam mulheres, seguindo sua conhecida mitologia como uma Orixá africana. É reconhecida dentro da fé por atuar na busca pelo equilíbrio e defender a justiça, sempre e, ainda primeiro, protegendo as mulheres. Seu nome homenageia o importante rio Oba, na Nigéria. Existe um lado que conta que ela foi a primeira esposa de Xangô, outro Orixá conhecido por ser justiceiro.

É a energia flecheira de mulher, caçadora, valente e guerreira, escolhe ser cultuada nas cores vermelho e branco, usa escudo, arco e flecha (no Candomblé chamado de Ofá) e é a dona da energia de todas as armas.

Obá representa as águas doces revoltas dos rios. As pororocas, as águas fortes, o lugar das quedas, as enchentes e o burburinho das águas são considerados domínios de energia, de luta e de vitória de Obá. É a guerreira que encanta, como as águas, e que tudo supera e vence, também como as águas.

Ela também controla o barro, água parada, lama, lodo. Trabalha junto com Nanã. De certo modo representa também a força do vento pela forma de atuação deste na planície de águas. Representa também o aspecto dual e andrógino de gênero representado em mulheres (fisicamente).

Além do mais, é farta e rege a transformação dos alimentos de crus em cozidos. Neste aspecto, Obá é considerada a Rainha da cozinha e simbolicamente representa a maleabilidade da transformação. O vapor sempre foi um elemento poderoso de energia, a magia da água a queimar transforma.

É também a dona da roda. É ela quem faz a limpeza da gira com sua força e aura dada pelo seu rodar. Obá representa uma energia feminina temida e forte, que encanta e vence a guerra; considerada mais forte que muitos Orixás masculinos – a considerar a mitologia e os estereótipos carregados nela. Segundo as lendas, Obá lutou contra inúmeros Orixás, derrotando vários deles, como Exu, Oxóssi, Obatalá, Oxumarê, Omolu e Orunmilá, e tornou-se respeitada por todos os deuses.

Apenas uma batalha teria um final diferente do suposto: a que foi travada contra Obá por Ogum. Este vencera a deusa guerreira, mas após a luta, admirando sua destreza, força e poder, tornou-se de perdidos amores por ela e se tornaram esposos.

Um dia houve em que Ogum teve de lutar contra Xangô, e Obá, ao ver o lutar magistral de Xangô, encantou-se pelo oponente de seu esposo. Teve de ouvir seu coração e se entregar a Xangô. Aos olhos de Obá, Xangô era parceiro perfeito e ideal e par a par: ele era tudo o que ela também era para si, em outro. Dessa união e desmedido amor nasceu Opará, que é sintetizada como Oxum.

Obá era a líder de culto nos arredores da cidade de Elékô (atual cidade de Lagos, Nigéria). Uma sociedade restrita, onde apenas mulheres podiam participar dos rituais. Obá foi fundadora dessa sociedade que cultuava a ancestralidade feminina individual. Nenhum homem poderia sequer assistir ao ritual

do segredo, sob o risco de ser punido por Obá com a perda da própria vida.

Um dia, Xangô ouviu o gargalhar e murmurinho de mulheres e se aproximou para ver a cena. Percebeu que era um ritual conduzido pela enérgica Obá e imediatamente encantou-se com a beleza madura e rara de Obá.

Naquele envolvimento mágico, Xangô foi pego de surpresa pelas mulheres e levado à presença da Orixá Obá.

Obá comunicou a Xangô que ele havia cometido falta grave ao espiar o segredo do Elekô e que sua punição seria com sua morte, mas ao ver aquele guerreiro com olhos de puro amor, justa, pois ao coração, deu-se novas regras: o homem que violasse a reunião das mulheres deveria se casar com a líder ou aceitar a pena de morte. Conta-se que essa teria sido a causa perdida da guerra entre Ogum e Xangô: o coração de Obá.

Obá é a própria representação da fúria que quando despertada transborda, agitando-se inteira. É a senhora da sociedade Elekô. É a Orixá do mistério e do segredo. É o que se sabe, pois.

É cultuada como a grande Deusa protetora do poder e do sagrado feminino ancestral. É a protetora das mulheres que buscam por força e proteção, pois ela é a mãe que entende as dores do coração e age com destemida valentia para corrigir injustiças.

Obá, a representante suprema da descendência feminina, é festejada nas religiões de matriz africana do Brasil no dia 30 de maio, o dia da semana dedicado a ela é quarta-feira, exerce seu domínio no amor e sucesso profissional. Recebe como oferenda: acarajé, aberém, feijão fradinho, amalá (caruru de quiabos) e várias sortes de folhas e aparatos de luta.

No sincretismo religioso, Obá corresponde a Santa Joana D'Arc, ambas representam mulheres de força, guerreiras que lutaram e defenderam o que acreditavam, sem se importarem com os olhares opressores e com as opiniões alheias.

Neste período em que temos de lutar contra injustiças, incertezas, perda de direitos, racismo, genocídio, doenças e tantas perturbações, podemos evocar seu arquétipo de força e energia, para que Obá nos ajude a vencer qualquer batalha.

OBA XIRE! (RAINHA PODEROSA!)



Iêda Vilas-Bôas –
Escritora.



Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno – Escritor.

A educação VENCEU!



#FUNDEBPERMANENTE

Uma avalanche virtual nas redes sociais, resultado da mobilização da CNTE e demais entidades da educação, assegurou a aprovação integral do parecer da PEC 15/2015, que cria o Fundeb como mecanismo permanente de financiamento da educação básica pública.

- Derrubamos a tentativa de inclusão do programa assistencial Renda Brasil na complementação ao FUNDEB
- Derrotamos a proposta de repassar os recursos do Fundo na forma de vouchers às escolas particulares (apesar disso, foi aprovado repasse às creches comunitárias, filantrópicas e confessionais);
- Retiramos a proposta de utilizar o FUNDEB para pagamento de aposentadorias e pensões e de incluir o salário educação na complementação aos entes federados.
- Derrubamos as tentativas de excluir o CAQ e a subvinculação de no mínimo 70% dos antigos recursos e de até 85% do percentual novo de complementação da União para a remuneração dos profissionais da educação.
- Garantimos a constitucionalização do FUNDEB e da elevação da complementação federal para 23% do total do Fundo.

Agora a pressão será no Senado para aprovar integralmente a PEC do Fundeb Permanente, sem destaques, e seguir a trajetória de avanços pela educação pública de qualidade.

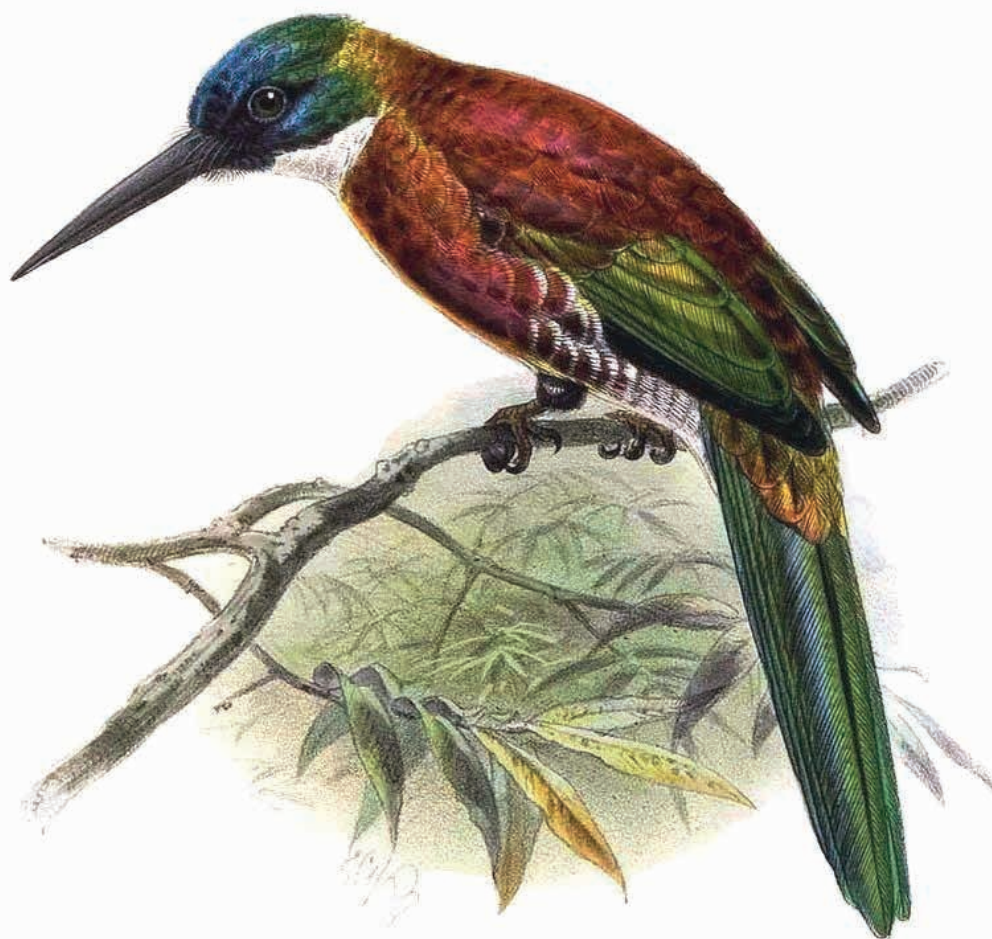
CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
© www.cnte.org.br

Filiada à
CUT
BRASIL

IE
Internacional
da Educação

CEA

FNPE
Forum Nacional Popular de Educação



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEN COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **210**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **270**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

